



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

Mestrado em Estudos da Religião
Especialização: Estudos Bíblicos

JOAQUIM DE JESUS MARQUES

**Traços Relevantes do Vocabulário do
Sofrimento no Livro dos Salmos
Contributos para a compreensão do sofrimento
humano**

Dissertação Final
sob orientação de:
Professora Doutora Luísa Maria Varela Almendra

Lisboa
2012

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	2
Capítulo 1. - Identificação do vocabulário mais significativo	3
1.1 Raiz - <i>k'b</i> (<i>mak'ōb</i>)	3
1.2 Raiz - <i>'šb</i> (<i>'āšab; 'ešeb</i>)	4
1.3 Raiz - <i>naga'</i> (<i>nega'</i>)	5
1.4 Raiz - <i>'amal</i>	6
1.5 Raiz - <i>ḥalah</i> (<i>ḥolî</i>)	7
1.6 Raiz - <i>'anah</i> (<i>'ani / 'anaw</i>)	8
Conclusão	10
Capítulo 2. - Diferentes significados da linguagem do sofrimento	12
2.1 O sofrimento físico	13
2.2 O sofrimento psicológico	17
2.3 O sofrimento espiritual	19
2.4 O sofrimento social	20
Capítulo 3 - Traços mais relevantes da linguagem do sofrimento no Livro dos Salmos	22
3.1 Experiências de sofrimento	22
3.2 O sentido do sofrimento nos salmos	27
3.3 Reações ao sofrimento	31
Capítulo 4 - Consequências bíblico-teológicas para uma compreensão do sofrimento nos salmos	35
4.1 O sofrimento e a precaridade da vida humana	35
4.2 Sofrimento humano e retribuição divina	36
4.3 Sofrimento como lugar de revelação e de encontro com Deus	37
4.4 Deus libertador do sofrimento e do pecado	38
4.5 O sofrimento dos pobres e humildes (<i>'ani / 'ānāw</i>)	40
CONCLUSÃO	42
BIBLIOGRAFIA	47

INTRODUÇÃO

O meu objetivo pessoal ao realizar este estudo é tentar compreender o mistério do sofrimento, a partir da narrativa bíblica do mesmo no Antigo Testamento.

Tendo em conta os objetivos, a exiguidade do tempo e espaço requeridos, vou circunscrever a minha análise ao Livro dos Salmos. A razão da escolha deste Livro resulta da sua diversidade e da síntese que contém no que diz respeito à história e pensamento do povo bíblico, expresso nos diferentes tipos de escritos da Bíblia hebraica. Como refere João Lourenço:

“... mais do que qualquer outro, o livro dos Salmos oferece-nos o mais adequado *background* para o estudo de uma teologia do sofrimento, de um sofrimento não apenas vivido e sentido no quotidiano da existência mas, muito mais do que isso, um sofrimento rezado e partilhado em comunhão com Yahweh nas suas mais diversificadas formas e manifestações”.¹

Como metodologia específica, vou procurar primeiro uma compreensão a partir do estudo semântico dos principais termos utilizados no original hebraico, para exprimir as várias dimensões do sofrimento, nomeadamente, o sofrimento físico, psíquico, espiritual e social. Será a partir deste estudo semântico que tentarei evidenciar os aspetos que se apresentam como mais relevantes de uma teologia veterotestamentária do sofrimento.

A estrutura da análise que me proponho fazer irá começar com um capítulo onde se identificarão os termos mais usados ou mais relevantes para a descrição das situações de sofrimento. No segundo capítulo, serão abordados os diferentes significados dos termos em análise. No terceiro capítulo, procederei ao estudo dos traços mais relevantes da linguagem do sofrimento no Livro dos Salmos, com referência a alguns dos salmos em que os termos são utilizados. No quarto capítulo, tentarei extrair algumas consequências bíblico-teológicas para uma compreensão do sofrimento.

¹ Cf. JOÃO D. LOURENÇO, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico: “Releituras Hermenêuticas” de Isaías 53* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006) p. 65.

CAPÍTULO 1. - IDENTIFICAÇÃO DO VOCABULÁRIO MAIS SIGNIFICATIVO

Não existindo em hebraico uma palavra que concentre em si tudo o que a cultura ocidental hoje designa pelo conceito abstrato de sofrimento, começo por uma abordagem sumária de identificação de alguns termos hebraicos usados em particular no Livro dos Salmos, sublinhando a sua especificidade semântica.²

1.1 Raiz - *k'b* (*mak'ôb*)

O significado básico de *k'b* é sofrimento, dor, seja como experiência objetiva, seja o sentimento que dela tem o sujeito; *mak'ôb* refere-se a uma doença/enfermidade grave. O termo *k'êb* designa quase sempre dor ou sofrimento que aflige o mais profundo do ser e que empurra o sofredor para o seu fim, prejudicando ou destruindo os laços com o seu ambiente próximo de vida. O termo *mak'ôb* (substantivo) denota um dano geralmente severo que aflige a vida dos indivíduos e que os arrasta para a morte ou para uma situação muito próxima.³ Esta raiz encontra-se nos salmos: 32,10; 38,18; 39,3; 69,27; 69,30.

Sl 32,10 - Muitos são os sofrimentos (*mak'ôbîm*) do ímpio; mas, a quem confia no Senhor, o seu amor o envolve.

As dores são aqui referidas com uma finalidade didática, procurando o autor incutir sentimentos de piedade e de temor de Deus nos seus leitores. Trata-se de dores de carácter indeterminado, sofridas como castigo da maldade.

Sl 38,18 - Sim, estou prestes a cair, a minha dor (*mak'ôbî*) está sempre presente.

Neste salmo o termo *mak'ôbî* (a minha dor) traduz a situação de doença e profundo sofrimento referido nos versículos anteriores, em especial 4, 6 e 8, que quase leva este sofredor às portas da morte, afastando amigos e familiares.

² A base da recolha dos elementos de vocabulário bíblico para designar situações de sofrimento foi o programa informático "Bible Works", monografias relativas ao tema e TDOT - *Theological Dictionary of the Old Testament*.

³ Cf. R. MOSIS, *Theological Dictionary of the Old Testament* (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) Vol VIII, p. 7-12.

Sl 39,3 - Fiquei calado e em silêncio, mas sem proveito, porque se agravou a minha dor (*k^e 'ēbî*).

Aqui a dor resulta não apenas do castigo divino mas também do facto de o salmista se ter imposto a si próprio um silêncio total diante do ímpio. Este parece desmentir, ironicamente, a teoria retributiva e o salmista reprime em si um protesto blasfemo.⁴ A brevidade e fragilidade da vida são outros tantos elementos que contribuem para esta dor vivencial.

Sl 69,27 - Pois perseguem os que tu castigaste e acrescentam sofrimentos (*mak^e 'ôb*) aos que puseste à prova.

Mais uma vez estamos em presença de dores resultantes de castigo divino. Aqui com a particularidade de serem agravadas pela troça dos inimigos.

1.2 Raiz - 'šb (*'āšab*; *'ešeb*)

Esta raiz designa um estado mental ou emocional de sofrimento, ansiedade, agonia. Usada com outros termos como *lēb* (coração) ou *rûah* (espírito) traduz situações de extrema agitação interior. A sua referência a aspetos emocionais é reforçada quando usada em paralelo com outros termos, nomeadamente, no caso dos salmos, descritores de estados de rebeldia.⁵ Está presente nos salmos: 16,4; 56,6; 78,40; 139,24; 147,3 e no salmo 127,2 com o sentido de fadiga provocada por trabalho físico.

Sl 16,4 - As dores (*'ašš^e bôtām*) se multiplicarão àqueles que fazem oferendas a outro deus; eu não oferecerei as suas libações de sangue, nem tomarei os seus nomes nos meus lábios.

Sl 56,6 - Todos os dias deturpam (*"fazem sofrer"*)⁶ (*y^e 'aššēbû*) as minhas palavras; todos os seus pensamentos são contra mim para o mal.

⁴ Cf. G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*. Vol I, p 710

⁵ Cf. C. MEYERS, *Theological Dictionary of the Old Testament* (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997), Vol XI, p. 278-280.

⁶ Cf. G. RAVASI, *Idem*, Vol II, p. 125

Sl 78,40 - Quantas vezes o provocaram no deserto, e o entristeceram (*ya 'āṣībūhū*) na solidão (*conotado com rebeldia*).

Sl 147,3 - Ele cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas (*'aṣṣēbōtām*).

Sl 127,2 - De nada vos serve levantar muito cedo e trabalhar pela noite dentro, para comer o pão de tanta fadiga (*hā 'āṣṣābīm*), pois, até durante o sono, ele o dá aos seus amigos.

Sl 139,24 - Vê se é errado o meu caminho (*derek^e - 'ōṣeb*) e guia-me pelo caminho eterno.

1.3 Raiz – *naga'* (*nega'*)

O sentido mais geral desta raiz é “toque”, “contacto”. Neste sentido é muito utilizada, por exemplo, nos textos legislativos, nomeadamente no que se refere à pureza ritual (contacto físico com alguma coisa ou alguém impuro). No Livro dos Salmos, esta raiz adquire sentidos figurados como “causar dano”, nomeadamente quando estão em causa direitos e garantias individuais ou de grupo (Sl 105,15) ou, mais vulgarmente, de castigar, punir, infligir dor. Tem sempre Deus como sujeito. O substantivo designa aflição ou doença infligida por Deus ou doença de pele, designadamente lepra.⁷ Está presente nos salmos: 38,12; 39,10; 73,5.14; 88,3; 89,33; 91,10; 105,15.

Sl 38,12 - Os meus amigos e companheiros afastam-se da minha desgraça (chaga) (*nig^e 'ī*); os meus parentes ficam ao longe.

Sl 39,11 – Afasta de mim os teus castigos (*nig^e 'ekā*); desfaleço ao peso da tua mão.

Sl 73,5 – Não sofrem (os ímpios) as contrariedades da vida, nem são atormentados (*tocados*) (*y^cnugā 'ū*) como os outros homens.

Sl 88,4 – A minha alma está saturada de males e a minha vida chegou às portas (*higī 'ū*) da morte.

⁷ Cf. L. SCHWIENHORST, *Theological Dictionary of the Old Testament* (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) Vol IX, p. 203-209.

Sl 91,10 – Por isso, nenhum mal te acontecerá, nenhuma epidemia (*w^eneḡa'*) chegará à tua tenda.

Sl 105,15 – «Não toqueis (*'al - tig^e'û*) nos meus ungidos, não maltrateis os meus profetas.»

1.4 Raiz - '*amal*

Esta raiz tem como significado básico “estar cansado”. Semanticamente relacionados são os significados de “trabalho (penoso)”, que é a causa da cansaço, bem como a condição de quem está cansado/exausto: inquietação, aflição, miséria, ruína. Os “lucros/riqueza”, provenientes do trabalho são também designados por esta raiz hebraica.

Nos salmos de lamentação (à exceção do salmo 105,44 onde apresenta o significado de riqueza – produto do trabalho) tem o significado de “trabalho penoso”, “aflição”, “dano”.

Com o significado de aflição aparece em contextos que se referem à maldade do ser humano relativamente ao seu semelhante (aflições que alguém inflige a outrem), muitas vezes associado a *'āwen* (iniquidade), como no salmo 7,15

Em sentido figurado aparece no salmo 73,16, referindo-se à angústia espiritual; à fragilidade da vida no salmo 90,10.⁸

Sl 7,15 – Pode conceber a maldade, gerar a iniquidade (*'āmāl*) e dar à luz a mentira.

Sl 7,17 – A sua malícia (*'āmālô*) recairá sobre a sua cabeça, e a sua violência, sobre a sua frente.

Sl 10,7 – A sua boca está cheia de maldição e mentira; na sua língua só há malícia (*'āmāl*) e maldade.

Sl 10,14 – Mas tu vêes a angústia (opressão) (*'āmāl*) e o pesar, observas tudo e tomas essa causa nas tuas mãos. A ti se abandona confiadamente o pobre; tu és o amparo do órfão.

⁸ Cf. B. OTZEN – in *Theological Dictionary of the Old Testament* (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) Vol XI, p. 196-202.

Sl 25,18 – Vê a minha miséria e o meu sofrimento (*wa 'āmālī*) e perdoa todos os meus pecados.

Sl 73,5 – Não sofrem as contrariedades da vida (*ba 'āmal*), nem são atormentados como os outros homens.

Sl 73,16 – Refleti sobre estas coisas para as entender, mas foi muito penoso (*'āmāl*) para mim.

Sl 90,10 – A duração da nossa vida poderá ser de setenta anos e, para os mais fortes, de oitenta; mas a maior parte deles é trabalho (*'āmāl*) e miséria, passam depressa e nós desaparecemos.

Sl 94,20 – Poderão aliar-se a ti os juízes injustos, que forjam a intriga (*'āmāl*) contra o direito?

1.5 Raiz – *ḥalah* (*ḥolī*)

Esta raiz é a mais frequentemente utilizada no AT para designar estados gerais de doença, fraqueza, mal-estar e debilidade física. O estado de fraqueza é por vezes circunscrito a um órgão ou parte do corpo, de acordo com o contexto e outros termos utilizados.⁹ No Livro dos Salmos é usada nos Sl 35,13; 41,4; 77,11.

Sl 35,13 – Eu, porém, quando eles adoeciam (*baḥālōtām*), vestia-me como um penitente, humilhava a minha alma com jejuns e a minha oração era contínua.

Sl 41,4 – O Senhor o assistirá no leito do sofrimento; quando estiver de cama, o restabelecerá da doença (*b^e ḥāl^eyô*).

Sl 77,11 – E eu respondo: «O que mais me faz sofrer (*ḥallôṭī*) é que a mão do Altíssimo nos trate de modo diferente.»

⁹ Cf. D. SEYBOLD - in *Theological Dictionary of the Old Testament*. (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) Vol IV, p. 399-409.

1.6 Raiz - ‘*anah* (‘*ani* / ‘*anaw*)

Esta raiz refere-se a situações de aflição provocada por abuso ou opressão de outrem, ou por situações de pobreza e miséria.¹⁰ Esta aflição pode ir até ao sentimento de grande dor ou morte iminente, como no salmo 88:

Sl 88,10 - Os meus olhos apagaram-se de tanto sofrer (‘*ōnî*) todos os dias te invoco, Senhor, estendo para ti as minhas mãos.

O substantivo ‘*ōnî* tem o significado de “miséria que brada ao Céu”, exigindo a intervenção de Yahweh.

Sl 9,14 - Tem piedade de mim, Senhor, vê a minha aflição (‘*ōn^eyî*) diante dos inimigos; livra-me das portas da morte.

Os adjetivos ‘*ani* e ‘*anaw* terão tido uma evolução semântica de “pobre, miserável” para os conceitos mais de carácter religioso/espiritual “humilde, piedoso”.¹¹ A forma verbal ativa tem o significado de oprimir, “usar força física ou psicológica para alterar o estado de alguém para pior”.¹² São de uso muito corrente nos salmos (identificados 32 salmos onde é usado um dos termos, uma ou mais vezes).

Apresentam-se, de seguida, versículos de alguns Salmos que contêm um dos termos pertencentes a esta raiz. Dividem-se em três grupos, consoante o significado particular do respetivo enquadramento contextual:

- *Pobres/Oprimidos*

Nesta aceção ‘*ānî* é o que está debaixo da alçada dos poderosos aos quais não pode opor resistência, dos quais é vítima. O “pobre” dos salmos é essencialmente um oprimido, vítima do poder que, frequentemente, tem conotação de tipo religioso (ímpios, injustos, sem Deus).¹³ “Os *ānāwîm* não parecem ser simplesmente pessoas indefesas, incapazes de resistir à violência e, por isso, oprimidos, vítimas dos poderosos,

¹⁰ Trata-se de uma de 4 homónimas – retemos aqui a referida como ‘*anah II*. Cf. E. GERSTENBERGER – in *Theological Dictionary of the Old Testament*. (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) Vol XI, p. 230-252.

¹¹ Cf. PAUL VAN DEN BERGHER, ‘*ani* et ‘*anaw* dans les Psaumes, in *Le Psautier. Ses origines. Ses Problèmes littéraires. Son influence* (Ed. Robert De Langhe, Louvain, 1962) p. 278

¹² Cf. E. GERSTENBERGER, *Theological Dictionary of the Old Testament* (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) Vol XI, p. 230-252.

¹³ Cf. G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol I, p.211

mas antes pessoas discretas, humildes, submissas, brandas, cuja humilde doçura se transforma espontaneamente em atitude de submissão fiel a Deus”.¹⁴

Sl 9,13 – Ele persegue os assassinos, lembra-se deles, não esquece o clamor dos infelizes (*'ānāwîm*).

Sl 10,2 – No seu orgulho, o ímpio persegue o infeliz (*'ānî*); que ele seja apanhado na cilada que armou.

Sl 10,17 – Ouve, Senhor, o grito dos humildes (*'ānāwîm*); atende-os e conforta-os no seu coração.

Estes 2 salmos (provavelmente um único salmo inicialmente) têm como tema principal o “Pobre de Yahweh”.

Sl 12,6 – O Senhor diz: «Por causa da aflição dos humildes (*'ānîyîm*) e dos gemidos dos pobres, me levantarei e porei a salvo aquele que é desprezado.»

Sl 22,25 – Pois Ele não desprezou nem desdenhou a aflição do pobre (*'ānî*), nem desviou dele a sua face; mas ouviu-o, quando lhe pediu socorro.

Sl 35,10 – Com todo o meu ser, eu direi: «Quem pode como Tu, Senhor, livrar o desvalido (*'ānî*) do prepotente, o miserável e o pobre (*w^e'ānî*), de quem os explora?».

Sl 69,30 – Mas a mim, triste e aflito (*'ānî*), que a tua salvação, ó Deus, me restabeleça.

Sl 147,6 – O Senhor ampara os humildes (*'ānāwîm*), mas abate os malfeitores até ao chão.

- Aflição

A aflição descrita sob estes termos resulta quer dos males físicos com que o salmista está confrontado, quer do seu estado psicológico resultante do sentimento de haver pecado.

Sl 9,14 – Tem piedade de mim, Senhor, vê a minha aflição (*'ān^eî*) diante dos inimigos; livra-me das portas da morte.

¹⁴ Cf. J. DUPONT, citado por G. Ravasi, *Idem*, Vol I, p. 212

Sl 25,18 – Vê a minha miséria (*'ān^eyî*) e o meu sofrimento e perdoa todos os meus pecados.

Sl 88,10 – Os meus olhos apagaram-se de tanto sofrer (*'ōnî*): todos os dias te invoco, Senhor, estendo para ti as minhas mãos.

Sl 88,16 – Infeliz de mim (*'ānî*), que agonizo desde a juventude; já não posso mais suportar os teus castigos.

Sl 116,10 – Eu tinha confiança, mesmo quando disse: «A minha aflição (*'ānîṭî*) é muito grande!».

- Pedagogia pelo sofrimento

Pelo sofrimento Deus põe à prova os seus fiéis ou leva-os a descobrir o caminho da salvação:

Sl 102,24 – Ele deixou-me sem forças (*'innāh*) no caminho e abreviou os meus dias.

Sl 119,71 – Foi bom para mim ter sido castigado (*kî - 'unnêṭî*), pois assim aprendi os teus decretos.

Sl 119,75 – Senhor, eu sei que as tuas sentenças são justas e que me castigaste (*'innîṭānî*) para meu proveito.

Sl 119,67 – Antes de me teres humilhado (*'e`ēneh*), eu pecava; mas, agora, cumpro a tua palavra.

CONCLUSÃO

Estes termos são os que os salmistas utilizam mais frequentemente para descrever situações de angústia e sofrimento, de acordo com a pesquisa efetuada. Porém, não se pode ignorar que o Livro dos Salmos é um conjunto de textos poéticos, redigidos ao longo de um período longo de tempo, em contextos diferentes e utilizando diferentes géneros literários.

Os salmistas não mostram qualquer relutância em descrever as suas debilidades e de as apresentar a Deus, de quem esperam a salvação. Mas não é de esperar que os termos apresentados esgotem toda a realidade das situações sofredoras, nem o estado de alma do salmista. As imagens, as metáforas e outras figuras estilísticas, frequentemente utilizadas pelos salmistas, são também muito importantes na descrição das situações. Mas, por uma questão metodológica elas não são abordadas neste capítulo, podendo vir a ser referidas a propósito dos traços mais relevantes da linguagem do sofrimento, a abordar no capítulo III.

CAPÍTULO 2. - DIFERENTES SIGNIFICADOS DA LINGUAGEM DO SOFRIMENTO

A descrição, muitas vezes circunstanciada, da situação da pessoa que sofre, das suas expressões, súplicas, gritos e pedidos de auxílio permite-nos ter uma percepção do estado do sofredor, das suas dores físicas, morais, e do sentimento de abandono, não só dos familiares e amigos, mas até do próprio Deus.

Nem sempre é possível isolar os diferentes tipos de sofrimento nos Salmos estudados. Há situações em que o sofrimento descrito reveste aspetos simultaneamente físicos, psicológicos, espirituais e sociais. Contudo irei procurar alguns exemplos onde seja possível individualizar diferentes matizes, ainda que algumas situações possam não representar estados típicos de sofrimento de cariz unívoco.

No sentido físico, são as feridas, enfermidades, dores particulares (ossos, coração, rins) que traduzem muitas vezes o sofrimento generalizado, que atinge o mais profundo do ser humano.

No sentido psicológico, a dor psíquica é resultado de diversas situações como o perigo de morte, a solidão, nostalgia, perseguições e ataques injustos, escárnio e alegria dos inimigos perante uma situação de sofrimento, solidão e abandono, ingratidão e infidelidade, sobretudo de familiares e amigos.

Em sentido espiritual, a causa de dor mais sentida consiste na perturbação da relação entre Deus e o homem devido ao pecado e à ira de Deus provocada pelo pecado. Apesar da relação causa/efeito entre o pecado e o sofrimento estar muito presente sobretudo nas tradições mais antigas, o homem bíblico não explica toda a dor como efeito imediato do pecado; causas de dor são também o arrependimento, o abandono dos amigos, o ódio dos inimigos, a fragilidade humana em si mesma, como nos exemplos seguintes: «Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado» (Sl 51,3). Todo o salmo 51 é um hino ao arrependimento e a manifestação do grande sofrimento causado pela consciência do pecado.

A dor física é profundamente agravada pelo afastamento de familiares e amigos, o que acontece na maior parte das situações de doença: «Os meus amigos e companheiros afastam-se da minha desgraça; os meus parentes ficam ao longe» (Sl 38,12).

O tema dos inimigos que causam sofrimento é repetidamente referido nos salmos de súplica: «Senhor, são tantos os meus adversários! São tantos os que se levantam contra mim!» (Sl 3,2). A condição humana em si mesma, comportando brevidade e precariedade da vida, é sentida como um fator de sofrimento: «A duração da nossa vida poderá ser de setenta anos e, para os mais fortes, de oitenta; mas a maior parte deles é trabalho e miséria, passam depressa e nós desaparecemos» (Sl 90.10); «De poucos palmos fizeste os meus dias; diante de ti a minha existência é como nada; o homem não é mais do que um sopro!» (Sl 39,6).

2.1 O sofrimento físico

Os males físicos são aqueles que mais frequentemente são verbalizados pelos salmistas na sua súplica a Deus para que os livre dessa situação. Embora muitas vezes o salmista assuma que esses males são o resultado do seu pecado (na sequência da teoria da retribuição direta, muito presente no Antigo Testamento), ele assume uma atitude de súplica, de pedido de clemência a Deus, pois mostra arrependimento e espera a sua salvação. E a salvação, a prova de que Deus o escutou, manifesta-se pelo afastamento dos seus males, pela cura, pelo restabelecimento do bem-estar. Deus representa para o salmista a sua última esperança, o único que o pode salvar, até porque, na maior parte das vezes, uma situação de doença provoca o afastamento dos amigos e até de familiares que o acham culpado da sua situação, certamente resultante de castigo de Deus por pecados cometidos, ainda que desconhecidos.

ke'ēb e mak'ôb

Estes dois termos que, nos salmos estudados, se referem sempre a dores resultantes de males físicos, são os que mais diretamente traduzem este tipo de sofrimento. Porém o homem semita não compartimenta o ser; o homem é sempre visto na sua totalidade, como ser bio-psico-social-espiritual. Assim as dores físicas não só trazem consigo, normalmente, os outros tipos de sofrimento, mas são vistas, a maior parte das vezes, como consequência do pecado que provoca o afastamento de Deus. Este afastamento é, por sua vez, motivo de maior dor pois o salmista não concebe uma existência longe de Deus, na sua inimizade. Por isso muitas vezes confessa o seu pecado e pede perdão. E o perdão dos pecados é, porventura, a maior novidade dos salmos (conjuntamente com a

tradição profética), nomeadamente dos salmos de súplica, na medida em que cortam com a tradição, muito forte, da fatalidade do esquema pecado-castigo, sem vislumbre do dom do perdão de Yahweh perante o arrependimento e a confissão do penitente.

No salmo 32,10 o termo *mak^e'ôbîm* refere-se a sofrimentos no global, não determinados, que afetarão o ímpio como consequência da sua impiedade: «Muitos são os sofrimentos (*make'ôbîm*) do ímpio; mas, a quem confia no Senhor, o seu amor o envolve». Está patente a teoria da retribuição, mas há também uma preocupação didática, pedagógica, incentivando ao cumprimento das prescrições divinas.

No salmo 38,18 *mak^e'ôbî* refere-se a uma situação objetiva de grande sofrimento que está permanentemente diante do salmista sofredor: «Sim, estou prestes a cair, a minha dor (*make'ôbî*) está sempre presente». A situação física que provoca esse sofrimento é descrita nos primeiros versículos. Trata-se de uma doença, provavelmente lepra, que apresenta “chagas fétidas e purulentas” (v. 6). Estes sofrimentos são vistos pelo salmista como castigo divino, mas ele “confessa a sua culpa” (v. 19) e espera o auxílio de Yahweh.

'āṣab

Este termo refere-se a estados mentais ou emocionais de sofrimento e angústia: no salmo 16,4, *'aṣṣ^ebôtām* refere-se aos males que afligirão os idólatras «São numerosas as penas (*'aṣṣebôtām*) de quem segue um deus estrangeiro »¹⁵; no salmo 56,6, *y^e'aṣṣēbû* tem o significado de deturpar (“fazer sofrer”) as palavras: «Passam todo o dia a difamar-me (*ye'aṣṣēbû*), os seus pensamentos são sempre contra mim»; no salmo 147,3, *'aṣṣ^ebôtām* refere-se às “feridas do coração”: «Ele cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas (*'aṣṣ^ebôtām*)!»; no salmo 127,2, *hâ'āṣābîm* tem o significado de cansaço, “pão das dores”, em contraponto com a dádiva que Deus faz aos seus fiéis, sem todo este cansaço: «De nada vos serve levantar muito cedo e trabalhar pela noite dentro, para comer o pão de tanta fadiga, pois, até durante o sono, ele o dá aos seus amigos ».

naga'

Este é o termo utilizado para descrever as dores provocadas pelo castigo divino (ser tocado/atingido). No salmo 39,11, *nig^e'ekā* tem o significado de pena, castigo (o teu

¹⁵ Dada a diversidade de traduções encontradas para este versículo, adotamos a de G. Ravasi, *Il Libro dei Salmi*, Vol I, p. 283, por ser a que melhor traduz a ideia de sofrimento em resultado da idolatria.

castigo); no v.12 o salmista transmite-nos a sua visão da pedagogia divina: o castigo do pecado tem por finalidade a correção do homem e a indicação do caminho a seguir, respeitando os mandamentos («Afasta de mim os teus castigos (*nige'ekā*); desfaleço ao peso da tua mão. Tu corriges o homem, castigando a sua culpa e, como a traça, destróis o que ele mais estima »).

O salmo 73,5 traz-nos o termo *y^enugā'û* que se refere às aflições de que os ímpios parecem estar a salvo, o que constitui motivo de escândalo para o salmista, que esperava ver a doutrina de retribuição funcionar em pleno: «Não sofrem (os ímpios) as contrariedades da vida, nem são atormentados (*y^enugā'û*) como os outros homens.». Mais, não estando sujeitos à pedagogia do sofrimento, os ímpios permanecem na impiedade e aumentam-na sacrificando ainda mais os semelhantes. O salmista, porém, permanece fiel a Yahweh e tem confiança na justiça final.

No salmo 89,33 *ûbin^egā'îm* refere-se aos castigos e punições que Deus infligirá a quem violar os seus preceitos: «Se violarem as minhas ordens e não guardarem os meus mandamentos, então hei-de castigar severamente (com a vara) as suas rebeldias e fazê-los sofrer (e com chicotadas - *ûbinegā'îm*) pelas suas maldades».

No salmo 105,15 Deus proíbe que alguém “toque” os seus ungidos, no sentido de exercer qualquer tipo de violência sobre os mesmos: «Não toqueis (*'al - tig^e'û*) nos meus ungidos, não maltrateis os meus profetas ».

'amal

Este termo refere-se à malícia do ímpio em salmos como: 7,15.17; 10,7; 55,11; 94,20; 140,10. («A sua boca (do ímpio) está cheia de maldição e mentira; na sua língua só há malícia (*'amal*) e maldade») (10,7).

O salmo 10,14 refere-se às dores/trabalhos do pobre que Deus vê e guarda para o retribuir, ao contrário do ímpio que será julgado. No salmo 25,18, o justo, arrependido dos seus pecados, suplica a Deus que repare na sua dor e perdoe todos os seus pecados: «Vê a minha miséria e o meu sofrimento (*wa'ămālî*) e perdoa todos os meus pecados.».

O salmo 73,16 fala do sofrimento proveniente da dificuldade em entender o mistério do mal. A reflexão do salmista sobre a prosperidade dos ímpios provoca-lhe uma crise espiritual que quase o arrasta para a rebelião. Mas o salmista acaba por compreender. A “entrada no santuário de Deus” trouxe-lhe luz sobre o fim que espera o ímpio. Deus,

como supremo juiz, reporá a ordem e a justiça no mundo: «Refleti sobre estas coisas para as entender, mas foi muito penoso (*'amal*) para mim.».

No salmo 107,12 este termo refere-se aos “trabalhos” com que Deus humilha os corações dos que se tinham revoltado contra as suas ordens (pedagogia pelo sofrimento, que é aliviado com a conversão).

ḥalah

Este termo refere-se a uma situação de doença (*baḥălôṭām*) no Salmo 35,13 («Eu, porém, quando eles adoeciam (*baḥălôṭām*), vestia-me como um penitente, humilhava a minha alma com jejuns e a minha oração era contínua.»). O salmista contrapõe a sua atitude para com os ex-amigos quando estes estavam doentes com a atitude deles que se tornaram perseguidores e ingratos.

No salmo 41,4 refere-se a uma situação de doença acamada (*b^e ḥāl^eyô*) da qual Deus libertará o homem piedoso que socorreu o pobre.

***'anah* (*'ōnî*; *'ani* / *'anaw*)**

Como vimos no capítulo anterior, a raiz *'anah* designa sofrimento físico em diversos contextos. No salmo 9,14, a situação aflitiva do salmista é provocada pelos inimigos que atentam contra a sua vida: «Tem piedade de mim, Senhor, vê a minha aflição (*'ān^eî*) diante dos inimigos; livra-me das portas da morte.».

No salmo 102,24 é Deus que enfraquece (*'innāh*) as forças vitais do salmista a meio da sua expectativa de vida. Trata-se da oração de um aflito que se sente castigado por Deus: «Abateu a minha força (*'innāh*) no caminho; abreviou os meus dias.».

No salmo 88, o salmista relata uma situação de sofrimento particularmente intensa e prolongada. Por 2 vezes é usada esta raiz com significado de dor física: o versículo 10 em que a vista que “desmaia por causa da aflição” (*'ōnî*), consumida pelo pranto: «Os meus olhos apagaram-se de tanto sofrer (*'ōnî*): todos os dias te invoco, Senhor, estendo para ti as minhas mãos », e o versículo 16 em que a aflição deriva da agonia prolongada: «Infeliz de mim (*'ānî*), que agonizo desde a juventude; já não posso mais suportar os teus castigos ». No entanto, como veremos no ponto 2.4, grande número de vezes em que os termos desta raiz são usados situam-se sobretudo no campo do sofrimento social.

2.2 O sofrimento psicológico

Normalmente os vocábulos estudados não se referem diretamente à dor psicológica. Esta é o resultado da situação vivida pelo salmista que provoca o afastamento dos amigos e familiares ou o resultado da maldade dos inimigos que se comprazem a acrescentar sofrimento ou a maquinar violências sobre o salmista/sofredor. A raiz *'āṣab* refere-se a dores ou feridas (*'aṣṣ^ebôtām*) nos salmos 16 e 147. No salmo 16 refere-se aos males que a idolatria arrasta consigo: «São numerosas as dores (*'aṣṣ^ebôtām*) de quem segue um deus estrangeiro ».

No salmo 147 o mesmo termo tem o significado de “feridas” mas num contexto de referência ao coração: «Ele cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas (*l^e'aṣṣ^ebôtām*)». Este salmo contém também uma referência direta aos humildes (*'ānāwîm*) que Yahweh eleva enquanto abate os ímpios (147,6). No salmo 127 refere-se às dores do cansaço (*hā'āṣābîm*) na labuta pelo pão. Noutros salmos onde este termo é usado, tem outros significados mais de índole social. É o caso dos salmos 56 e 78 em que se refere a atitudes de terceiros com impacto seja no salmista: «Passam todo o dia a difamar-me, (*y^e'aṣṣēbû*), os seus pensamentos são sempre contra mim» (56,6);¹⁶ seja no próprio Deus, com o seu comportamento no deserto, após a libertação do Egipto: «Quantas vezes o provocaram no deserto e o contristaram (*ya'āṣîbûhû*) na estepe!» (78,40). O salmo 39,3 usa o termo *k^e'ēbî* para designar uma dor mais de carácter psicológico: «Fiquei calado e em silêncio, mas sem proveito, porque se agravou a minha dor (*k^e'ēbî*)» (39,3). Embora o salmista esteja em sofrimento, a dor referida neste versículo é proveniente do silêncio que a si mesmo se impôs na presença do ímpio. O salmista não compreende porque é que a doutrina da retribuição não funciona neste caso e isto gera dentro de si uma situação explosiva, que pode ir até à blasfémia.¹⁷

No salmo 69,27 a dor do salmista (*mak^e'ôb*), é psicologicamente agravada pela atitude dos que o perseguem, que “falam” acerca dela: «Pois perseguem os que tu castigaste acrescentam sofrimentos aos que puseste à prova.» (69,27). Certamente, como acontece com frequência quando é aplicada a teoria da retribuição, esta conversa incidirá sobre os hipotéticos crimes cometidos pelo salmista, cuja consequência é a

¹⁶ L. ALONSO SHÖKEL traduz por “desfigurar”; G. RAVASI por “deturpar”, mas comenta que no Texto Massorético a tradução literal seria: “Todos os dias eles fazem sofrer as minhas palavras” [cf. G. Ravasi, *Il Libro dei Salmi*, Vol II, p.139].

¹⁷ Cf. G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol I, p. 710.

doença que o atingiu. Já no versículo 21 o salmista se queixava dos insultos e de não encontrar quem o console; a dor psicológica é sentida com grande amargura, os familiares e amigos afastam-se: «O insulto despedaçou-me o coração, até desfalecer; esperei compaixão, mas foi em vão; alguém que me consolasse, mas não encontrei» (69,21).

O salmo 147,3 dá-nos a imagem de Deus que, como um pai, trata as feridas (*'ašš^ebô^tām*) do coração dos “dispersos de Israel” e reconstrói Jerusalém (v. 2). Este Salmo, embora não sendo de súplica nem tendo como tema central nenhuma situação de sofrimento, dá-nos aqui uma perspetiva interessante sobre a imagem de Deus, nomeadamente no aspeto da sua proteção aos que têm o “coração ferido”, identificados, possivelmente, com os elementos mais sensíveis da comunidade hebraica, os *'ānāwīm*, referidos no v. 6; “o coração contrito é o que chama a atenção de Deus porque é aí que ele encontra o verdadeiro sinal de conversão”.¹⁸

O termo *'āmāl* é utilizado no salmo 90,10 para descrever a vida humana no seu aspeto qualitativo: “fadiga, trabalho, cansaço”; é também curta demais para os anseios do homem. Para saciar os seus anseios de mais e melhor vida o salmo sugere uma comunhão com Deus que acabará por vencer as limitações humanas. «A duração da nossa vida poderá ser de setenta anos, para os mais fortes, de oitenta; mas a maior parte deles é trabalho (*'āmāl*) e miséria, passam depressa e nós desaparecemos» (90,10).

No salmo 107,12, *'āmāl* designa “os trabalhos/desventuras” com que Deus humilha o coração dos que desprezam os seus preceitos, numa alusão clara à teoria da retribuição: «Abateu-lhes o coração com desventuras (*be'āmāl*); tropeçavam e ninguém os socorria» (107,12).

No salmo 140,10, *'āmāl* designa a malícia “dos lábios” dos ímpios. O salmista, como sucede noutros salmos de súplica, pede a Deus que não atenda os desejos destes ímpios, mas que a sua malícia se volte contra eles próprios: «Não mais levantem a cabeça os que me cercam; caia sobre eles a malícia (*'āmal*) dos seus lábios» (Sl 140,10).

¹⁸ Cf. G. RAVASI, *Idem*, Vol III, p. 951

2.3 O sofrimento espiritual

O sofrimento espiritual está, frequentemente, relacionado com o pecado. O salmista confessa o seu pecado e pede o perdão e a clemência de Deus.

No salmo 25,18 o salmista pede o perdão dos seus pecados, pois é grande a sua aflição e a sua dor: «Vê a minha miséria e o meu sofrimento (*wa'āmālī*) e perdoa todos os meus pecados» (25,18). O sofrimento é, aqui, fruto do pecado, um dos inimigos piores do salmista. Como refere G. Ravasi,¹⁹ “Segundo a conceção triangular típica das súplicas, os protagonistas do salmo 25 são três: o salmista, Deus e o inimigo. Mas no caso do terceiro personagem existe um fenómeno de desdobramento que será fundamental nos salmos teologicamente mais refinados: o inimigo não é só exterior ao orante (vv. 2.19), mas é também interno a si próprio e é o pecado que gera sofrimento e que põe um diafragma entre o fiel e Deus”.

No salmo 38, o sofrimento físico é acompanhado de sofrimento espiritual e social, com o abandono de amigos e parentes: «Os meus pecados pesam sobre a minha cabeça e como um fardo excessivo me oprimem... Os meus amigos e companheiros afastam-se da minha desgraça (*nig^e 'ī*)... Sim, estou prestes a cair, a minha dor (*mak^e 'ôbī*) está sempre presente» (38,5.12.18).

O salmo 73,16 fala do sofrimento proveniente da dificuldade em entender o mistério do mal: «Reflecti sobre estas coisas para as entender, mas foi muito penoso (*'āmāl*) para mim» (73,16). A reflexão do salmista sobre a prosperidade dos ímpios provoca-lhe uma crise espiritual que quase o arrasta para a rebelião. Mas o salmista compreende por fim. A “entrada no santuário de Deus” trouxe-lhe luz sobre o fim que espera o ímpio. Deus, como supremo juiz, reporá a ordem e a justiça no mundo.

A “ausência de Deus” é profundamente sentida pelo autor do salmo 88. “O salmo torna-se também o grito de sofrimento pela ausência de Deus, por aquela “noite mística” que o fiel experimenta dramaticamente”.²⁰

No salmo 139, um poema sobre Deus e sobre os seus principais atributos, *'ōṣēb* tem o significado de mal (*derek^e -'ōṣēb = caminho do mal*) ou “caminho idolátrico / da

¹⁹ Cf. G. RAVASI, *Idem*, Vol I, p. 467

²⁰ Cf. G. RAVASI, *Idem*, Vol II, p. 805

mentira”, que o salmista pretende evitar invocando o auxílio de divino: «Vê se é errado o meu caminho (*derek^e* - ‘*ōṣeb*) e guia-me pelo caminho eterno» (139,24).²¹

No salmo 77,11 *ḥallôṭî* tem uma conotação de sofrimento espiritual: «E eu respondo: «O que mais me faz sofrer (*ḥallôṭî*) é que a mão do Altíssimo nos trate de modo diferente». O salmista parece concluir que Deus abandonou o seu povo e já não é benévolo, já não realiza os prodígios de outrora e estes pensamentos são o seu “tormento”.

2.4 O sofrimento social

A situação de doença, particularmente se se tratar de uma doença que deixa o seu portador impuro, é muitas vezes causa de sofrimento não só físico mas também social. O afastamento de amigos e familiares é uma constante nestes casos. O salmo 38,12 refere o afastamento de todos, amigos, companheiros, familiares, por causa da sua chaga: «Os meus amigos e companheiros afastam-se da minha desgraça [chaga] (*nig^e ‘î*); os meus parentes ficam ao longe» (38,12).

No salmo 94,20 *‘āmāl* é usado num contexto de protesto contra a opressão justificada com base num uso injusto das leis. Yahweh não pode ser aliado de tribunais iníquos que produzem opressão (*‘āmāl*) contra o direito e a justiça. A corrupção na administração da justiça é um problema social vivido em Israel contra a qual se insurge o salmista: «Poderão aliar-se a ti os juízes injustos, que forjam a intriga contra o direito?».

Os termos *‘ani* e *‘anaw* designam, como se viu acima, primeiramente o pobre, o marginalizado, o oprimido. Com este sentido encontram-se em muitos salmos. Os salmos 9 e 10 são definidos por A. Gelin, como um “monumental manifesto dos *‘ānāwîm*”.²² Os termos pertencentes a este radical encontram-se 6 vezes nestes 2 salmos, designando situações de miséria/aflição bem como os pobres que se encontram nessas situações. Mas Yahweh é invocado como o garante da justiça, apesar do aparente silêncio e, até, do que poderá ser interpretado como conivência com os ímpios e os poderosos, tendo em vista a (temporária?) prosperidade dos ímpios e o sofrimento dos

²¹ Cf. G. RAVASI, *Idem*, Vol III, p. 789.

²² Cf. G. RAVASI, *Idem*, Vol I, p. 209.

justos «Ouve, Senhor, o grito dos humildes (*'ănāwîm*) ; atende-os e conforta-os no seu coração» (10,17).

Relativamente a estes termos, existem opiniões divergentes quer no que respeita à diferença de significado, quer quanto à evolução semântica a partir do conceito de “pobreza, miséria”, para um conceito mais de natureza moral e religiosa de “humilde, piedoso”. No seu estudo sobre este assunto, Paul van den Berghe²³ é de opinião que não existe diferença de significado entre os dois termos no Livro dos Salmos (“nuances” de significado existem mas dependentes do contexto, não do termo utilizado) e que a evolução semântica se dá do conceito físico para o espiritual, isto é, do campo económico e social para o moral e religioso, mantendo, pelo menos em parte, o seu conteúdo original de pobreza e necessidade. Também a opinião de que o termo *'ănāwîm* terá designado um grupo de índole político-religiosa, nomeadamente no pós-exílio, não tem fundamento, segundo este autor. Os *'ănāwîm*, os “pobres de Yahweh”, encontram-se entre as classes sociais mais baixas, mas sem constituírem um grupo com existência autónoma, social ou política.

O salmo 12 é um bom exemplo do drama social que tinha a sua origem na perversidade generalizada reinante. O grito de socorro é lançado logo no início: «Salvamos, Senhor, pois cada vez há menos justos! A lealdade desapareceu de entre os filhos dos homens» (12,2). A este grito responde Yahweh com o oráculo de 12,6: «O Senhor diz: «Por causa da aflição dos humildes (*'ănîyîm*) e dos gemidos dos pobres, me levantarei e porei a salvo aquele que é desprezado.»

Também o salmo 35 (v. 10) expressa a confiança do salmista em Deus que “liberta o pobre (*'ānî*) do mais forte e o miserável (*w^e'ānî*) do que o rouba”. Em muitos outros salmos podemos encontrar este termo com um significado mais ligado à pobreza, necessidade, opressão e miséria.

²³ PAUL VAN DEN BERGHE, *'ani e 'anaw Dans Les Psaumes. in Le Psautier. Ses Origines. ses Problèmes Littéraires. Son Influence* (Ed. Robert De Langhe. Publications Universitaires, Louvain, 1962) p. 273-295

CAPÍTULO 3 - TRAÇOS MAIS RELEVANTES DA LINGUAGEM DO SOFRIMENTO NO LIVRO DOS SALMOS

O percurso realizado até ao momento oferece-nos os fundamentos para uma análise, agora mais detalhada, da linguagem do sofrimento nos salmos. Vou centrar-me em alguns salmos que considero como mais exemplificativos na sua riqueza e diversidade de linguagem.

Sigo a metodologia que alguns autores propõem para uma abordagem mais sistematizada do problema do sofrimento nos salmos: 1) experiências de sofrimento; 2) sentido dado; 3) reações no sujeito sofredor²⁴.

Para além dos termos específicos atrás estudados, irei abordar as situações descritas numa perspetiva mais global tendo em conta todo o contexto, bem como o emprego de linguagem metafórica frequentemente utilizadas pelos autores.

O problema das causas, quando o autor deixa transparecer algo sobre ele, será também abordado, juntamente com a descrição das situações sofredoras.

3.1 Experiências de sofrimento

Os salmos foram compostos para serem rezados e cantados, individual ou coletivamente, na liturgia ou fora dela. Não têm como objetivo procurar as causas do sofrimento, assunto que, aliás, não prende muito a atenção dos autores bíblicos.

Nos salmos estudados podemos encontrar, porém, referências ao porquê do sofrimento, à sua origem.

Nas tradições mais antigas, o pecado e a infidelidade são as causas únicas de qualquer situação de sofrimento. A teoria da retribuição direta é a explicação última para o sofrimento, por mais que o sofredor proclame inocência. Outras razões, porém, são referidas como explicação para a existência do sofrimento: a fragilidade humana, a precariedade da vida, a brevidade da existência, as contingências do dia-a-dia, a maldade dos inimigos, são temas assumidos pelos salmistas para explicar diversas

²⁴ Cf. J. LOURENÇO, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico: "Releituras Hermenêuticas" de Isaías 53* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006) p. 68.

situações de sofrimento. Vou, de seguida, analisar alguns salmos onde possam ser encontradas algumas experiências típicas de sofrimento: salmos 38; 39; 69; 88 e 130.

Salmo 38

O autor deste salmo de lamentação e súplica é alguém que apresenta chagas (*nig^e 'i*) que afastam os amigos e companheiros e que sofre de uma dor (*mak^e 'ôbî*) permanente: «Sim, estou prestes a cair, a minha dor (*mak^e 'ôbî*) está sempre presente» (38,18). Foi, provavelmente, atingido pela lepra, o que, a ser verdade, lhe confere um motivo suplementar de sofrimento, traduzido pelo afastamento físico e psicológico da comunidade em que vivia, para passar a viver segregado, marginalizado e só: «Os meus amigos e companheiros afastam-se da minha desgraça [feridas] (*nig^e 'i*); os meus parentes ficam ao longe» (38,12).

Segundo a perspectiva da teoria da retribuição, em que o autor se coloca, a sua doença é um sinal da ação de Deus, com vista à consciencialização do seu pecado e à sua conversão. O termo hebraico utilizado (*nig^e 'i*) tem, como se viu, o significado de “golpe”/ ”praga”, enviada por Deus. Por isso o salmista confessa o seu pecado: «No meu corpo nada ficou são, por causa da tua ira; nada há de são nos meus ossos, por causa do meu pecado. Os meus pecados pesam sobre a minha cabeça e como um fardo excessivo me oprimem» (38,4-5).

O esquema “triangular”, muito comum nos salmos de súplica/lamentação, envolve o salmista, Deus e o mal que o aflige juntamente com os inimigos²⁵. A descrição do mal é pormenorizada: chagas fétidas e purulentas; entranhas a arder de febre; falta de vista; coração palpitante; nada de são resta no seu corpo / nos seus ossos. As imagens das flexas e do peso da mão de Deus (v. 3) são sinais da indignação divina. A culpabilidade sentida pelo salmista transparece ao longo de todo o texto. O pecado é o seu principal inimigo (interno). Sente o seu peso excessivo, a sua opressão; os pecados submergem-no, passando acima da sua cabeça (v. 5). A sua situação psicológica e social é também descrita com detalhe: amigos e companheiros afastam-se; os familiares ficam ao longe; os inimigos armam ciladas, pagam o bem com o mal. A solidão parece ser um mal tão grave como os males físicos que a provocam.

²⁵ G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol I, p. 700

Salmo 39

O autor do salmo 39 é alguém que se encontra em sofrimento e o sente como castigo das suas faltas. Temendo dar ao ímpio razões para não crer em Deus e na sua misericórdia, decide não dizer nada enquanto aquele estiver na sua presença. Esta estratégia parece não ter resultado pois a sua “dor (*k^e 'ēbî*) ia-se agravando”, à medida que ia meditando nos caminhos da Providência («Fiquei calado e em silêncio, mas sem proveito, porque se agravou a minha dor (*k^e 'ēbî*)» (39,3). “O seu silêncio, longe de lhe dar a paz, afligia-o, pois o seu pensamento entregava-se à meditação sobre a prosperidade dos pecadores e a miséria dos justos e, por isso, ardia-lhe o coração”.²⁶ Neste estado psicológico o salmista já não suporta o silêncio autoimposto, sente um fogo interior, e dirige-se a Deus abordando o tema da brevidade e precaridade da vida.

Ao contrário do salmo anterior, este não descreve a situação sofredora com detalhe. Percebe-se que é grande porque o salmista pede, no v.11: «Afasta de mim os teus castigos (*nig^e 'ekā*); desfaleço ao peso da tua mão». Não é apenas física, a sua dor; a reflexão feita no silêncio revelou-se portadora de tensões e, talvez, de medo de expressar sentimentos “inconvenientes”: de “pecar com a língua” (v. 2).

Salmo 69

O salmo começa com um apelo à salvação: «Salva-me, ó Deus, porque as águas quase me submergem» (69,2). De seguida o salmista usa uma série de imagens para descrever a sua situação sofredora. Esta consiste, essencialmente, na perseguição de inimigos hostis, violentos e numerosos que o odeiam e acusam, injustamente, de algo que não fez: «São mais que os cabelos da minha cabeça aqueles que injustamente me odeiam; são mais fortes que os meus ossos os inimigos que mentem contra mim» (69,5).

Esta experiência pessoal é descrita com recurso à imagética da água, que o arrasta e o submerge. “Sente-se transportado à última fronteira onde se confrontam a vida e a morte, o ser e o nada, o cosmos e o caos”.²⁷ As queixas incidem sobre o seu mal interior (como consequência dos insultos e de toda a maldade dos que o perseguem: garganta, olhos, rins, afastamento de amigos e familiares, falta de afeto e compaixão) e sobre o mal exterior a ele próprio, os inimigos e todas as suas atitudes quer contra o próprio,

²⁶ Cf. MAXIMILIANO GARCIA CORDERO E GABRIEL PEREZ RODRIGUEZ, *Bíblia Comentada, Vol IV, Libros Sapienciales* (Madrid, BAC, 1967), p.348.

²⁷ G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol II, p. 415.

quer contra Deus: «Por causa de ti, tenho sofrido insultos, o meu rosto cobriu-se de vergonha. Tornei-me um estranho para os meus irmãos, um desconhecido para os filhos de minha mãe» (69,7-8).²⁸

O salmista reconhece e confessa o seu pecado, aceita a sua situação como resultado do mesmo. No entanto sabe e afirma que a perseguição dos inimigos deriva da sua piedade e da sua entrega a Yahweh: a nível do culto, a nível da sua piedade pessoal e práticas ascéticas: «O zelo da tua casa me consome; os insultos dos que te ultrajam caíram sobre mim. Mortifico-me com jejuns e mesmo assim me insultam. Visto-me de luto e sou para eles objecto de escárnio» (69,10-12).

Os próprios inimigos acrescentam dor, “conversando sobre (ou contando) as feridas” (*mak^e’ôb*) do salmista, numa atitude sádica de quem se diverte com o mal alheio («Pois perseguem os que Tu castigaste e acrescentam sofrimentos (*mak^e’ôb*) (conversam sobre as feridas) aos que puseste à prova» (69,27).²⁹

Salmo 88

O salmista apresenta-se como alguém que desde há muito (desde a juventude – v. 16) vem sofrendo de males não discriminados, mas de grande intensidade e sem alívio. Sente-se às portas da morte, numa situação que parece sem retorno. Amigos e parentes afastaram-se dele, certamente por o considerarem atingido por Deus, como castigo dos pecados. A proximidade da morte, a iminente entrada no sepulcro, é descrita com grande profusão de imagens trágicas e sombrias: sheol (v. 4); fossa (v. 5); isolamento social (v. 9); sepulcro (v. 12); abismo, trevas (v. 7); águas caóticas (v. 18); prisão (v. 9); mansão dos mortos/ruínas (v.12); trevas, terra do esquecimento (v. 13.19). Na expressão de Ravasi (vol. II, p. 810) trata-se de “uma coreografia fúnebre e tenebrosa”. A este simbolismo junta-se outro: o da “hostilidade de Deus”: mão que deixa cair o seu fiel (v. 6); rosto escondido (v. 15); cólera (v. 8); castigos (v. 16); ira, terrores (v. 17); esquecimento (vv. 6.13). No sheol não há comunicação entre Deus e os homens; estes estão privados de algo essencial para o israelita piedoso: poder celebrar os louvores de Deus. Tem consciência que a sua situação lhe foi infligida por Deus, mas não reconhece a existência de qualquer culpa (embora também não proclame inocência). Não protesta

²⁸ Cf. *Ibidem*.

²⁹ Cf. G. RAVASI, *Idem*, Vol II, p. 403 – Tradução v. 27.

contra a sua situação mas, sentindo-se rejeitado por Deus, “pede-lhe contas”, não compreende o seu silêncio: «Porque me rejeitas, Senhor, e escondes de mim o teu rosto?» (88,15).

O salmista apresenta-se num estado de desespero tal que apenas um milagre poderá salvá-lo do fim trágico que se avizinha. Talvez por isso não faz qualquer promessa de louvor ou de ação de graças. O final é um resumo de toda a situação anteriormente descrita, o que pode fazer passar a imagem de total desespero. Porém, como veremos na secção 3.3, o sentimento de esperança e de confiança em Yahweh está implícito em toda a súplica que o salmista lhe dirige: «Grito de dia e de noite, diante de ti... De manhã, a ti apresento a minha oração» (88,2.14). Ravasi considera que este salmo “pode ser também a expressão universal de um drama que não conhece fronteiras de raça ou de religião, o drama do mal e da dor, frequentemente injustificável e absurdo”.³⁰

Salmo 130

O autor deste salmo lança o seu grito de súplica a Yahweh do “fundo do abismo”. Qual a sua verdadeira situação? Será alguém que está numa situação de sofrimento físico e o sente como consequência do pecado, sofrendo em ambas as dimensões, física e espiritual?

Os dois principais autores estudados (Schökel e Ravasi) têm opiniões divergentes sobre esta matéria. Schökel argumenta com a mentalidade hebraica, muito agarrada ao concreto, concluindo que o Salmo se deve referir a uma situação trágica, que o orante percebe como consequência do pecado, como pode ser a enfermidade no salmo 38. Ravasi, ao contrário, não acha legítimo ir além do que a própria palavra abismo encerra no contexto deste salmo: “o inferno da consciência, a morte gerada pelo pecado”; o salmista não refere, de facto, nada sobre qualquer situação de doença, fixando-se apenas no mal moral, o pecado. Mesmo este é referido de uma forma genérica, não havendo referência direta a um pecado concreto e pessoal: «Se tiveres em conta os nossos pecados, Senhor, quem poderá resistir?» (130,3).

Apesar de reconhecer onexo causal entre pecado e doença, na teoria da retribuição, Ravasi constata que o salmista fixou o seu objetivo apenas no polo do pecado e “a isso,

³⁰ G RAVASI, *Idem*, Vol II, p. 806.

unicamente, dedicou a sua lírica sem nenhuma divagação sobre considerações de outro gênero”. “O abismo é o pecado, do fundo do qual o poeta grita, chama, invoca”.³¹

Haja ou não concomitância de males físicos, eles não são referidos e a súplica é toda concentrada no perdão dos pecados. Se este não se verificar, nenhum homem “pode subsistir” (universalidade do pecado e necessidade do perdão). Esta é a situação sofredora tratada neste salmo, bem diferente das anteriores, de profunda espiritualidade, radicada na fragilidade de todo o homem.

3.2 O sentido do sofrimento nos salmos

O sentido que o salmista dá ao sofrimento de que padece é-nos revelado não apenas pelas referências mais ou menos explícitas no texto, mas também pela sua atitude global face à situação que o envolve. O estrito monoteísmo do homem bíblico leva-o a imputar a Deus tudo o que acontece, seja na sua vida privada, seja na vida da comunidade, seja no mundo. Assim, todo o sofrimento humano é visto como enviado por Yahweh, mesmo quando as causas próximas parecem ter outra origem, como é o caso dos inimigos ou a própria fragilidade da vida.

Na maioria dos casos o salmista aceita o sofrimento como ação penalizadora de Deus relativa ao pecado cometido, ao mesmo tempo que percebe nesta atitude divina uma correção paternal, um meio pedagógico utilizado por Deus para voltar ao caminho do bem. Esta atitude não implica, porém, um seguimento rígido da chamada “teoria da retribuição”. Ao dirigir-se a Deus, o salmista e todo o orante que reza estes salmos de súplica, seja individualmente seja em contexto litúrgico, manifesta uma atitude de confiança na misericórdia divina, no perdão, e na remissão da sua culpa. Assume o propósito de se regenerar e tomar um novo rumo para a sua vida. O pecado cometido já não é uma fatalidade sem remédio, em relação ao qual não resta outra alternativa senão pagar o preço. O sofrimento é, assim, um caminho que pode aproximar o fiel do seu Deus.

Como teremos ocasião de ver, também há situações em que o salmista não reconhece qualquer pecado, pelo menos explicitamente, e apresenta a Deus o seu protesto, o seu lamento, o seu grito de desespero. O caso mais paradigmático será o salmo 88. Porém,

³¹ G. RAVASI, *Idem*, Vol III, pp. 639, 641.

mesmo neste caso o salmista/orante dirige-se a Deus certamente na esperança de que ele veja a sua miséria e acabe por intervir.

Salmo 38

O sentido que o autor do salmo 38 confere ao sofrimento, é, embora não dito expressamente, uma ação pedagógica de Deus para que o salmista reconheça o seu pecado, se arrependa e mude de atitude. O autor não proclama inocência, não se sente injustiçado, compreende que a justiça divina tem que ser exercida segundo a lei da retribuição. Mas expõe detalhadamente toda a sua situação para “convencer” Deus de que já foi castigado o suficiente. Confessando o seu pecado e pedindo a salvação, espera obter de Deus a sua misericórdia e a libertação do mal que o está a afligir. A pedagogia pelo sofrimento teve assim o seu resultado positivo. O salmista encontrou Deus e voltou-se para Ele, é nele que espera e confiadamente se lhe entrega: «Pois confio em ti, Senhor, e tu me respondes, Senhor, meu Deus... Por isso, confesso a minha culpa, estou inquieto por causa do meu pecado» (38,16.19).

A rica simbologia com que é descrita a situação sofredora do salmista (as flechas, o peso da mão, submersão num mar de culpas) reflete a ideia de que a origem do sofrimento está no próprio Deus que assim exerce a sua justiça mas também prepara o homem para que este possa encontrar o caminho do bem. O sofrimento prepara o crente, que se reconhece pecador, para se voltar para Deus, tornando-se assim este salmo uma oração de pecadores que em Deus encontraram finalmente o seu refúgio e proteção. Foi a situação de sofrimento extremo que fez percorrer este caminho.

Salmo 39

A pedagogia divina é, também para o autor deste salmo, a finalidade principal do sofrimento enviado por Deus: «Tu corriges o homem, castigando a sua culpa.» (39,12). Mas o autor, ao impor a si próprio o silêncio total na presença do ímpio, para “não pecar com a língua” (v. 2), é porque pretende “reclamar” alguma coisa relativamente ao castigo divino. Tratar-se-á da frequente comparação entre a prosperidade dos ímpios e o castigo dos crentes, como no salmo 73,3ss? Nesta perspetiva o salmo é também um protesto contra a atitude divina que castiga, na opinião do autor, de forma demasiado severa.

Mas o sofrimento é também consequência da fragilidade da própria vida humana. O homem é limitado, é “um sopro” e a sua vida de “poucos palmos”. O salmista realça este aspeto e questiona a atitude de Yahweh para com o frágil ser humano: a sua mão é “pesada”, mesmo quando a finalidade do castigo é a correção do homem; a sua existência é breve e sob constante ameaça da ira divina: «Desvia de mim os olhos, para que eu possa respirar» (39,14)

O esquema geral do salmo é o típico da teoria da retribuição: dor (*k`b*) v. 3 – sentida como golpe ou castigo (*ng`*) v. 11 – provocada pelo pecado v. 9 – leva à súplica de perdão e à libertação da situação sofredora v. 13a: «Senhor, ouve a minha oração, escuta o meu lamento; não fiques insensível às minhas lágrimas» (39,13).

Salmo 69

Para o salmista, Deus tarda a fazer-lhe justiça: “cansam-se os meus olhos à espera do meu Deus”, diz no versículo 4b. A sua situação aflitiva é causada por inimigos numerosos e poderosos que, mentindo, o acusam e perseguem sem razão. É certo que o salmista admite e confessa as suas faltas e, conseqüentemente admite a razoabilidade da justiça divina, mas as suas faltas só Deus as conhece; quanto àquilo de que é acusado pelos inimigos, está inocente: «Ó Deus, Tu conheces a minha insensatez, e as minhas faltas não te são ocultas. » (69,6). Mas, sendo o castigo operado através dos inimigos, mistura-se com a injustiça e, nesta perspectiva, todo o seu sofrimento físico, psicológico e espiritual é sentido como injusto e espera a intervenção divina que tarda a chegar. Na verdade, o salmista aceita o castigo de Yahweh, mas não admite que esses inimigos falsos acrescentem sofrimento para além do imposto pela justiça divina: «Pois perseguem os que tu castigaste e acrescentam sofrimentos aos que puseste à prova.» (69,27)

É ainda a sua fidelidade a Deus que exacerba a violência dos inimigos os quais, movidos pela impiedade, não toleram a sua atitude e as suas práticas religiosas, o seu “zelo” pelo templo. O salmista sofre por amor a Yahweh: «Por causa de ti, tenho sofrido insultos, o meu rosto cobriu-se de vergonha.» (69,8). Este salmo contém, assim, uma atitude composta face ao sofrimento: aceitação da correção divina e protesto contra a situação de injustiça que lhe é movida pelos inimigos. Para esta, o salmista reclama a intervenção urgente de Deus; para a primeira, pede a salvação.

Salmo 88

É difícil encontrar neste salmo um sentido para o sofrimento. Se é certo que o autor sente que toda a sua situação é desígnio de Deus, ele não compreende as razões. Os versículos 15-18 são uma interrogação dramática acerca do silêncio e do abandono de Deus. Pode sentir-se, até, uma certa “acusação” a Deus, que o humilha com males que não pode suportar. Nas palavras de L. Jacquet, trata-se de “um dos testemunhos mais perturbadores do estado de alma religiosa abandonada na noite”: «Porque me rejeitas, Senhor, e escondes de mim o teu rosto? Infeliz de mim, que agonizo desde a juventude; já não posso mais suportar os teus castigos» (88.15-16).³²

No fundo, o salmista está colocado perante uma situação de conflito entre a sua fé (baseada no conhecimento das ações do Deus de Israel para com o seu povo), e o comportamento atual desse mesmo Deus para consigo.³³ Sente-se rejeitado, apesar de ser um fiel servidor e adorador do seu Deus. Por isso a sua atitude é predominantemente de “reclamação”, pois toda a sua situação é sentida como pura hostilidade de Yahweh. Mas, nesta densa situação, ele espera do próprio Deus apenas uma coisa, para que o conflito em que está mergulhado tenha uma saída: que Deus “incline o seu ouvido à sua súplica” (v. 3). Parece estar certo de que se isso acontecer, os factos falarão por si e Deus mudará de atitude, resolvendo assim o seu dilema. Poderá estar também implícita a teoria da retribuição. Porém isso não é explicitamente referido, e também não há reconhecimento de culpa nem pedido de perdão.

Salmo 130

O grande tema deste salmo é a misericórdia de Deus. O salmista, doente ou não, sente pesadamente a sua condição de pecador. O sofrimento causado por esta constatação é sentido, juntamente com o “temor de Deus”, como uma oportunidade de conversão e de encontro com Deus: «Mas em ti encontramos o perdão; por isso te fazes respeitar». (130,4). É este perdão e esta magnanimidade divina que geram este “temor”, entendido mais como estupefação perante a onipotência e a bondade de Deus, do que propriamente como medo ou terror da sua justiça.

³² L. JACQUET, *Les Psaumes et le Coeur de l'Homme*, Vol II, p. 674.

³³ Cf. CRAIG BROYLES, *The Conflict of Faith and Experience in the Psalms*, pp. 206-209.

Opiniões diversas são adotadas por vários autores quanto ao significado do “abismo” do fundo do qual o salmista se dirige a Yahweh. A doença é uma das hipóteses adotadas. Ravasi, porém, é de opinião que este abismo é apenas o pecado e o sofrimento do salmista é um sofrimento espiritual.³⁴ De facto não há qualquer referência explícita a sofrimentos físicos e todo o conteúdo do poema se desenrola em direção ao perdão de Deus “porque nele há misericórdia e com ele é abundante a redenção” (v. 7b).

3.3 Reações ao sofrimento

No livro de Job, após a segunda provação, a “lepra maligna”, é atribuída à sua mulher a seguinte fala: «A sua mulher disse-lhe: “persistes ainda na tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre de uma vez!”» (Jb 2,9). Como se sabe, Job não amaldiçoou Deus, apesar de não entender as causas do seu sofrimento.

Será óbvio pensar que não poderia fazer parte da Bíblia um texto em que o seu autor amaldiçoasse Deus, embora esta atitude pudesse fazer parte do comportamento de alguns homens em situação de desespero. Veja-se, já perto de nós, a influência que teve na vida e obra de Sören Kierkegaard, a atitude de seu pai, que amaldiçoou Deus, em jovem, quando guardava o rebanho, “sofrendo grandes males”.³⁵ Mas, nos salmos, tal atitude não é sequer vislumbrada. A atitude típica é a de súplica dirigida a quem o pode livrar do sofrimento, Yahweh, a quem se reconhece o poder, a misericórdia e o perdão. É a ação de graças, é o voto de agradecimento no meio da comunidade. Mas também há situações de protesto, em que o salmista está longe de perceber e aceitar a violência ou o abandono a que foi votado pelo seu Deus. Aqui ele expõe, quase sempre detalhadamente, a sua situação sofridora e deixa a Deus a decisão final que, pelos argumentos aduzidos pelo salmista, espera que seja favorável.

Salmo 38

O salmista começa com um apelo à compreensão e misericórdia de Deus porque a prova a que está sujeito (correção pedagógica) é demasiado pesada. Aceita resignado e

³⁴ Cf. G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol III, p. 639ss

³⁵ SÖREN KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 15 (Prefácio)

silencioso o sofrimento que considera justo. Reconhece e confessa as suas culpas. Com esta atitude espera obter o perdão de Deus e, como consequência desse perdão, a cura para os seus males. Obter de Deus a libertação é a reação mais significativa desta oração, na medida em que significa uma imagem de Deus carregada de amor e misericórdia. O suplicante crê que por detrás da “mão pesada” de Deus se esconde o cuidado de um pai que salva, educando. A teoria da retribuição é aqui matizada pela imagem de Deus que não quer a morte dos seus fiéis mas que se coloquem no caminho do bem. “A punição já não é a última palavra de Deus; a sua bondade não conhece arrependimentos e reaparece sob a forma de perdão”.³⁶

Salmo 39

Sem dúvida que o autor deste salmo é alguém profundamente crente, piedoso, preocupado com a sua conduta, que se impõe o silêncio perante os ímpios a fim de não lhes dar mais razões de descrença. Crê na bondade e misericórdia de Deus, a quem pede perdão para as suas faltas e a libertação dos males que o afligem. Aceita o castigo, que considera merecido, e toma-o como correção pedagógica para que se volte para Deus: «Afasta de mim os teus castigos; desfaleço ao peso da tua mão. Tu corriges o homem, castigando a sua culpa, e, como a traça, destróis o que ele mais estima» (39,11-12).

Nesta perspetiva, o seu sofrimento já teve o resultado pretendido; assim, Deus já o pode libertar “do peso da sua mão”. Para Alonso Schökel, estamos em presença de um salmo que expressa o sentido trágico da vida e o pedido que o salmista dirige a Deus é um pedido minimalista. Na verdade, depois das reflexões sobre a precaridade da vida humana, não se dirige a Deus pedindo uma solução para este problema. Apesar de colocar a sua esperança em Deus (v. 8), fica-se pelos pedidos mais simples e concretos da libertação dos seus pecados e da sua situação sofredora: «Desvia de mim os olhos, para que eu possa respirar, antes que tenha de partir, e acabe a minha existência.» (39,14). Assim mantem-se o sentido trágico contido na generalidade do salmo: mesmo com a satisfação dos pedidos feitos pelo salmista, o seu destino continua o mesmo,

³⁶ G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol I, p. 159

condenado à não existência; não obtém, pois, a libertação definitiva da condição humana.³⁷

Salmo 69

O salmista começa a sua súplica com um pedido de salvação dirigido a Deus (v. 2), a quem expõe detalhadamente as razões pelas quais não pode deixar de intervir: encontra-se numa situação aflitiva; os inimigos são numerosos e fortes; mentem, acusando-o de coisas que não praticou; a passividade divina perante a injustiça e a opressão dos seus fiéis por gente ímpia e sem escrúpulos será motivo de escândalo e de incredulidade relativamente a Deus e à sua bondade. É, pois, uma atitude de confiança no poder, na bondade e na misericórdia divina adotada pelo salmista.

O salmista “recomenda” a Deus que intervenha a seu favor de duas maneiras: castigando os seus adversários, contra os quais profere imprecações fortes; apoiando-o a ele que é pobre (*’ānī*) e está a sofrer («Mas a mim, triste (*’ānī*) e aflito, que a tua salvação, ó Deus, me restabeleça» (69,30). Após as imprecações contra os inimigos e o pedido de intervenção divina a seu favor o salmo continua com uma atitude de louvor e de ação de graças pela libertação recebida ou prevista antecipadamente. Talvez influenciado pela tradição profética, este suplicante propõe-se agradecer com “cânticos e ações de graças” porquanto está convencido que isto agrada mais a Deus do que o sacrifício formal de uma rês no Templo (vv. 31-32). No v. 33 o salmista convida os “humildes” (*’ānāwīm*) a associar-se ao seu louvor, certamente para reforçar a confiança absoluta em Deus, contra o “poder dos poderosos” («Que os humildes (*’ānāwīm*) vejam isto e se alegrem, e os que buscam a Deus se encham de coragem» (69,33).

Salmo 88

“Apesar de tudo o que sente, o moribundo continua a orar ao seu Deus estranho. Na solidão que lhe causou, ele é o seu companheiro e interlocutor; apesar da sua cólera, deve ser acessível. Orar a Deus é a única coisa que lhe resta: orando morrerá”.³⁸

³⁷ L. ALONSO SCHÖKEL, Salmos I, pp. 583-588. Só com Cristo esta situação se altera. “O cristão, como o salmista, põe a sua esperança em Deus. Mas, por Cristo, essa esperança é de caminhar para *ser plenamente*, quando terminar a etapa de “hóspedes e peregrinos”.

Se o autor deste salmo é o próprio sofredor, podemos dizer que, para além de “morrer rezando”, compôs antes este belo poema que, de uma forma tão realista, direta e sincera expõe a Deus a incompreensão humana do sofrimento. Fá-lo sem “panos quentes”. Jacquet diz mesmo que este poeta “faz frente a Deus com firmeza, o que se torna, à sua maneira, um milagre de fé”.³⁹ O que perturbou mais alguns estudiosos deste Salmo foi o seu final, aparentemente sem esperança. De facto, o sofredor termina na companhia das “trevas”, no sheol («Afastaste de mim amigos e companheiros, e a minha companhia são as trevas » 88,19). Mas esta é uma atitude de realismo que impressiona. Os versículos anteriores revelam alguém que não é apenas um sofredor mas sim um dialogante com Deus, um “pobre” (*‘ānî*), “sem nada pedir e, por isso, mais dramático e comovente” «Infeliz de mim (*‘ānî*), que agonizo desde a juventude; já não posso mais suportar os teus castigos» (88,16).

Como afirma Ravasi, este salmo “convida a viver, sem falsos pudores, as próprias crises e limitações e expô-las, com sinceridade total, ainda que a um Deus ausente, como fizeram Job e Jeremias. O Salmo 88, não só na perceção do mistério do agir divino, como na descoberta do escândalo incompreensível da dor, é um fio de esperança. Esperança em Deus, a quem se lança um último e dramático SOS. A fé do salmista não está morta e esta é a sua salvação”.⁴⁰

Salmo 130

A atitude preponderante deste salmista é a oração. Oração humilde e confiada dirigida a um Deus bondoso, de quem espera perdão e misericórdia, pois se considera pecador. Do “fundo do abismo” do mal e do pecado levanta os olhos e, num tom sereno, sem expressão de angústias desesperadas, exprime a sua confiança em Yahweh seu Deus, “em quem espera”, “junto de quem está o perdão”, “para quem a sua alma se volta, mais do que a sentinela para a aurora”. Está certo de que o perdão lhe será concedido, resta-lhe esperar que lhe seja comunicado: «Eu espero no Senhor! Sim, espero! A minha alma confia na sua palavra» (130,5). E não apenas a si individualmente mas também a toda a comunidade em que se insere: «Ele há-de livrar Israel e todos os seus pecados» (130,8).

³⁸ L. ALONSO SCHÖKEL, *Samos II*, p. 1135.

³⁹ L. JACQUET, *Les Psaumes et le Cœur de l'Homme*, Vol II, p. 672.

⁴⁰ G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol II, p. 819.

CAPÍTULO 4 - CONSEQUÊNCIAS BÍBLICO-TEOLÓGICAS PARA UMA COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO NOS SALMOS

Neste capítulo pretendemos abarcar compreensivamente o que de mais significativo a revelação bíblica do Antigo Testamento, na sua progressividade, nos legou para encarar o sofrimento individual ou coletivo, provocado pelos homens ou pelas forças da natureza, pela precaridade da vida ou pela degenerescência que lhe é própria, integrando-o na natureza humana que aspira ao eterno, ao perene, à imortalidade.

As referências às causas do sofrimento não são muito diversificadas nos textos estudados; mas, para além das causas (do porquê), interessa-nos o sentido que o sofrimento poderá ter (o para quê).

Já abordamos o sofrimento como caminho que conduz a Deus. Vamos procurar, também, descobrir a imagem de Deus que os salmistas sofredores (ou pelo menos os autores dos salmos de lamentação, se não foram eles próprios os sofredores aí identificados) intuíram, rompendo, nalguns casos, com o fatalismo anterior do pecado/castigo. A própria atitude de se voltar para Deus quando se passa por momentos difíceis é, já de si, muito significativa relativamente à relação do fiel com Deus.

4.1 O sofrimento e a precaridade da vida humana

O tema da precaridade da vida humana está particularmente bem tratado no salmo 39. O homem não é mais do que um sopro, que só dura poucos instantes (v.6). Esta constatação leva o salmista à fé e à oração: «Agora, Senhor, que posso eu esperar? A minha esperança está em ti. Livra-me de todas as minhas faltas» (vv.8-9). A esperança e confiança em Deus é algo a que o salmista chega percorrendo o duro caminho do sofrimento. Este teve como resultado levá-lo a reconhecer as suas faltas e a pedir a Deus que o liberte delas. Ao fazê-lo, o sofredor reconhece não só que a relação do homem com Deus é afetada pelo pecado, mas também que Deus pode libertá-lo dessa sua imperfeição e espera confiadamente que isso aconteça.

O salmo 90 é também um poema típico na sua abordagem a este aspeto da vida humana: «A duração da nossa vida poderá ser de setenta anos e, para os mais fortes, de oitenta; mas a maior parte deles é trabalho (*'amal*) e miséria, passam depressa e nós

desaparecemos» (90,10). Perante esta situação o salmista pede a Deus que ensine o homem a compreender bem esta verdade para poder alcançar a verdadeira sabedoria: «Ensina-nos a contar assim os nossos dias, para podermos chegar ao coração da sabedoria» (90,12).

Esta vida, já de si fugidia, pode ser abreviada, na conceção da teoria da retribuição, por causa do pecado, como acontece no salmo 102: « Ele deixou-me sem forças (*'innāh*) no caminho e abreviou os meus dias» 102,24. Também isto é motivo para o salmista pedir a intervenção divina e esperar na misericórdia de Deus. Ter uma vida curta era algo de muito negativo para o homem bíblico, quando a perspectiva de vida plena, após a morte, não era ainda uma realidade.

4.2 Sofrimento humano e retribuição divina

A “teoria da retribuição” é caracterizada pela relação estreita entre pecado e castigo. Tanto nas tradições bíblicas mais antigas como na tradição deuteronômica o bem e o mal praticados pelos indivíduos são retribuídos por Deus, nesta vida, com a prosperidade ou o castigo. Muitos dos salmos fazem-se eco desta teoria, particularmente os salmos de súplica individual, em que o suplicante se encontra em situação sofredora. Como consequência, o salmista confessa, muitas vezes, o seu pecado e pede a Deus que o livre das suas culpas, da situação sofredora e, quando aplicável, dos inimigos que o perseguem e o acusam.

O termo *mak'ôb* é empregue, por vezes, em contexto típico da teoria da retribuição, como acontece no salmo 32,10: «O ímpio tem muitas dores (*mak^e'ôbîm*) mas àquele que confia no Senhor a misericórdia o cercará». As dores são um meio dissuasor da adesão ao mal e ao pecado. Mas o pecado pode ser perdoado, quando o homem fiel o reconhece, o confessa e pede perdão. E o homem perdoado, muitas vezes, como acontece neste Salmo, quer levar ao conhecimento dos outros a força da confiança em Yahweh e a sua misericórdia (*hesed*), por ele encontrada, para que também os outros a descubram e abandonem o caminho do mal. No Salmo 38 encontramos o mesmo significado para o termo *mak'ôb*. («Na verdade, estou prestes a tropeçar; a minha dor (*mak^e'ôbî*) não me larga um momento» (38,18). Também aqui as dores são o resultado

do pecado, que o salmista confessa: «Por isso, confesso a minha culpa, estou inquieto por causa do meu pecado» (38,19).

No salmo 39,10 é o termo *naga'* que designa o sofrimento como consequência do castigo divino: «Afasta de mim os teus castigos (*nig' ekā*); desfaleço ao peso da tua mão». O nexa pecado / castigo é constantemente reconhecido também nas orações do homem israelita que se volta para Deus com um duplo sentimento: obter o perdão das suas faltas e, como consequência, obter a resolução da sua situação sofridora. A superação da sua situação difícil será o sinal, para si e para a comunidade, de haver sido perdoado, de ter sido objeto da misericórdia divina.

4.3 Sofrimento como lugar de revelação e de encontro com Deus

O sofrimento é visto também como um meio para levar o homem à conversão, para o fazer compenetrar-se mais da sua situação de criatura, finita, precária, que só em Deus pode encontrar refúgio e proteção. Sendo, segundo a teoria da retribuição, consequência do pecado, tem também o efeito de “reforço negativo” para desincentivar a impiedade e a prática do mal. O salmo 119 refere-se, por diversas vezes, a esta pedagogia divina, em formato didático: «Antes de ser afligido (*'e'ēneh*) andava errado; mas agora tenho guardado a tua palavra... Foi-me bom ter sido humilhado (*kī ṭ'unnētī*), para que aprendesse os teus decretos... Sei, Yahweh, que os teus juízos são justos, e que para encontrar a verdade me humilhaste (*'innītānī*)» (119,67.71.75).

Na sua obra, já citada, J. Lourenço refere, com insistência, esta descoberta de Deus no final do escuro túnel do sofrimento. “Um grande número de salmos mostra-nos que a experiência da dor e de tudo aquilo que a envolve ou que está na sua gênese (...) constitui um caminho à descoberta de um Deus clemente ao qual se implora a libertação”.⁴¹ Esta “pedagogia”, que começa por utilizar o estímulo aversivo da dor, deixa de ser um ato meramente punitivo, que gera sentimentos de culpabilidade avassaladora e sem remissão, para passar a representar uma oportunidade de confiança na possibilidade de regeneração e de aperfeiçoamento. É um caminho que leva ao encontro com Deus. O Deus que liberta (embora a pergunta “até quando?” seja repetidamente feita, quando o salmista se sente abandonado por Deus) é aquele que o

⁴¹Cf. J. LOURENÇO, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico*, p. 66

sofredor encontra no fim do seu caminho. A súplica encerra sempre em si um sentimento de confiança e de esperança que vê em Deus (a quem se dirige) bondade, misericórdia e perdão. Também, de uma forma menos explícita, outros salmos se referem à correção pelo sofrimento, como se pode constatar em alguns dos referidos anteriormente, nomeadamente aqueles em que o salmista confessa o seu pecado e espera o perdão e a cura para os seus males: «Tu corriges o homem, castigando a sua culpa» (39,12); «Ó Senhor, feliz o homem a quem tu corriges e instruis na tua lei!» (94,12). Sempre que alguém, na sua situação de angústia e sofrimento, se volta para Deus ou grita, sem compreender o porquê da sua situação (quando proclama inocência) ou, mais frequentemente, reconhece a sua culpa e aceita o conseqüente castigo, está a tirar proveito da sua situação porque se dirige a quem lhe pode responder.

4.4 Deus libertador do sofrimento e do pecado

Os salmos cujo tema central é o sofrimento humano são súplicas dirigidas a Deus, para que o orante seja liberto da situação sofredora. Este movimento do salmista em direção a Deus contém em si aspetos teológicos de grande importância para a compreensão dos atributos divinos que o povo de Israel projetava no seu Deus, aliás, o único Deus verdadeiro. Em momentos de grande aflição, Deus representa a última tábua de salvação; ele não só tem o poder de intervir e de libertar o homem do sofrimento, mas também é um Deus fiel à aliança que fez que o seu povo. Atende as súplicas dos seus fiéis, sobretudo dos que se arrependem e pedem o perdão das suas culpas. Ocupa-se do homem, a quem ensina os caminhos do bem, a quem repreende e recompensa. Mostra a sua misericórdia e o seu perdão, a sua ternura e a sua bondade.⁴² O salmo 69 contém um bom exemplo das razões que levam o salmista a confiar em Deus: o seu amor, bondade, compaixão: «Responde-me, Senhor, porque o teu amor é bondade; olha para mim, pela tua grande compaixão» (69,17).

No salmo 103 podemos constatar a certeza do perdão e da compaixão divinas: «Como o Oriente está afastado do Ocidente, assim ele afasta de nós os nossos pecados. Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor se compadece dos que o

⁴² Cf. JOÃO D. LOURENÇO, *Salmos, Oração do Povo de Deus*, p. 109

temem» (103,12-13). Mas os gritos de desespero estão também bem presentes em muitos destes salmos de súplica. Em alguns casos, a esperança e a confiança na intervenção divina só são visíveis no facto de o salmista se dirigir a Deus. Mesmo quando este “pede contas” a Deus, pergunta porque tem sucesso o ímpio enquanto o justo sofre até ao limite das suas forças, existe um fundo de confiança, porquanto a pergunta é feita a quem pode responder pois é responsabilidade sua (de Deus), que a realidade seja assim. Mesmo não compreendendo as razões, o salmista parte do princípio de que elas existem e toma cuidado consigo próprio, para não pecar “com a língua”: «Eu disse a mim próprio: “Vigiarei sobre a minha conduta, para não pecar com a língua; refrearei a minha boca, enquanto o ímpio estiver diante de mim”. Fiquei calado e em silêncio, mas sem proveito, porque se agravou a minha dor (*k^e ’ēbî*)» (39,2-3).

O salmo 88 poderá representar o expoente máximo desta atitude face ao sofrimento. O salmista sente-se completamente esmagado pelo peso da indignação divina, que o atingiu em cheio, sem vislumbre de libertação possível: «Pesa sobre mim a tua indignação, humilha-me (*’innîṭā*) com tantas aflições» (88,8). Mas, mesmo neste canto de desespero que termina abruptamente sem um final de esperança, o salmista dirige-se a Deus no início do salmo, como “seu Deus e salvador” e refere a sua bondade, fidelidade e justiça nos versículos 12 e 13. Como refere Ravasi, “até para o crente, a dor permanece uma fortaleza cujo centro não pode ser completamente conquistado”.⁴³

No seu livro, Daniel Simundson refere-se, detalhadamente, ao “uso da honestidade para com Deus”, por parte dos autores destes salmos. O salmista diz abertamente o que pensa, pede explicações, discorda, dá razões a Deus para que proceda de maneira diferente. Por outro lado, esta atitude contém em si uma grande dose de realismo, necessário para encarar este mundo tal como é. “Quem nunca sentiu necessidade de se lamentar ou tem tido muita sorte, ou é insensível ou isolado”.⁴⁴

A confiança em Deus é, pois, uma das grandes conclusões que se podem tirar a partir dos salmos de lamentação. De facto, quando se está em sofrimento e a reação é virar-se para Deus e esperar dele o apoio de que carece, é porque a fé e confiança são mais fortes que o desespero puro e simples de alguém que conclui que estava enganado relativamente à ideia de bondade que projetava em Deus. “Até as palavras de dúvida, de

⁴³ G. RAVASI, *Fino a quando Signore*, p. 18

⁴⁴ DANIEL SIMUNDSON, *Faith under Fire. Biblical Interpretations of Suffering*, p. 59

desencanto dirigidas a Deus são sinais de fé, uma vez que são dirigidas à pessoa certa”.⁴⁵

4.5 O sofrimento dos pobres e humildes (*'ani / 'ānāw*)

Das raízes hebraicas estudadas esta (*'anah*) foi a que mais repetidamente foi encontrada nos salmos. Para além das diferentes opiniões acerca das características do grupo de pessoas tratadas com esta designação, em especial o plural *'ānāwîm* (se era um grupo religioso ou político com organização e identidade própria ou apenas uma referência genérica aos mais humildes e pobres do povo hebreu), a verdade é que a atitude dos salmistas, provavelmente os autores mais tardios, projetam em Deus uma clara preferência pelos humildes, pobres, deserdados e marginalizados. Mas, como refere Ravasi, “se examinarmos todos os textos dos salmos em que esta noção aparece, apercebemo-nos que ela não pretende transmitir uma identidade precisa de um grupo, mas mais o esquema de uma atitude”.⁴⁶

Como já foi referido no capítulo 2, a evolução semântica deste termo terá sido de um conceito predominantemente físico e social (pobre, miserável, oprimido), para um conceito mais de índole psicológica e espiritual (humilde, piedoso), mantendo, no entanto, um conteúdo também de ordem social (pobre, vítima dos prepotentes). É a estes que Deus concede a salvação porque estes são os que estão mais disponíveis para a acolher: «O Senhor é o refúgio do oprimido; a sua defesa, no tempo de angústia. Os que conhecem o teu nome, Senhor, confiam em ti, pois nunca abandonaste quem te procura» (9,10-11). Nestes versículos parece estar implícita a ideia de que o oprimido⁴⁷ é quem conhece o nome do Senhor e quem confia nele.

A sua situação social foi terreno fértil para a construção de uma atitude interior de piedade e de submissão a Yahweh, a quem invocam como seu protetor e a quem Yahweh garante a salvação: «O Senhor diz: «Por causa da aflição dos humildes (*'ānyîm*) e dos gemidos dos pobres, me levantarei e porei a salvo aquele que é desprezado» (12,6). Deus livra o desvalido do prepotente: «Com todo o meu ser, eu direi: «Quem pode como Tu, Senhor, livrar o desvalido (*'ānî*) do prepotente, o

⁴⁵ Cf. DANIEL SIMUNDSON, *Idem*, p. 60

⁴⁶ G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol I, p. 213

⁴⁷ Embora o termo para designar o oprimido do v. 10 não pertença à raiz *'anah*, o contexto refere-se à teologia da proteção divina dispensada a quem está em dificuldade e invoca Deus.

miserável e o pobre, de quem os explora?» (35,10). Ou, mais genericamente, salva o humilde e humilha o poderoso: «Na verdade, Tu salvas o povo humilde ('am - 'ānî), mas humilhas os de olhar altaneiro» (18,28).

A atitude do homem humilde e despojado de bens, que encontra em Deus um abrigo seguro é, porventura, o aspeto teológico mais relevante cantado em muitos dos salmos de súplica aqui estudados. Mas também a justiça divina é frequentemente referida, como no salmo 9,5: «Tu defendes o meu direito e a minha justiça, sentando-te no tribunal como justo juiz». Justo juiz que tudo observa e que toma nas suas mãos a causa dos desprotegidos, configurados no pobre, no órfão e na viúva, como se refere no salmo 10,14: «Mas Tu vês a angústia e o pesar, observas tudo e tomas essa causa nas tuas mãos. A ti se abandona confiadamente o pobre; Tu és o amparo do órfão».

Refutando a ideia do ímpio de que Deus não o castigará, porque não existe (Sl 10,4), os autores dos salmos 9 e 10 (um único salmo?) empenham-se profundamente na construção de uma imagem divina onde a justiça e a proteção do pobre, do oprimido, dos mais fragilizados da sociedade, seja posta em evidência.⁴⁸

⁴⁸ Autores como Shökel e Ravasi consideram que se trata de um único salmo. Cf. L. SHÖKEL, *Salmos I*, pp. 224-247; G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol I. pp 205-229.

CONCLUSÃO

O estudo semântico em que centrei o presente trabalho permitiu-me enquadrar as situações de sofrimento, descritas pelos salmistas, no problema global do sofrimento humano. Como foi referido anteriormente, a língua hebraica não possui um termo abrangente para se referir ao sofrimento em geral. Este existe e é descrito nas suas manifestações concretas. Daí a necessidade de tentar compreendê-lo sob a ótica do pensamento oriental, em geral, e do povo bíblico em particular. No estudo das experiências de sofrimento, do sentido que lhe é atribuído pelo salmista e das respetivas reações a essas situações, o que mais me impressionou foi constatar a (quase) omnipresença da “teoria da retribuição” nos salmos de súplica/lamentação.

A dissonância cognitiva resultante da aceitação dos dois princípios – bondade de Deus e sofrimento das criaturas – nem sempre encontra uma resposta simples e positiva. Alguns sublinham que “até para o crente, a dor permanece uma fortaleza cujo centro não pode ser completamente conquistado” (G. Ravasi). Outros consideram o sofrimento como a “rocha do ateísmo”, que vai mais longe do que raciocínios de ordem filosófica ou teológica (G. Büchner)⁴⁹. Os autores dos salmos estudados preferem colocar-se em duas atitudes principais face ao sofrimento: a do reconhecimento de castigo por faltas cometidas com a consequente súplica de perdão e uma atitude de “protesto/reclamação” perante a ira inexplicável de Deus ou a sua “ocultação”.

Neste último caso, o salmista contém a blasfêmia, continuando a dirigir-se a Deus, a quem faz perguntas, por vezes retóricas (salmo 88, 11-13), confrontando-o com atitudes de bondade anteriores, invoca-o, certamente na esperança de ser atendido. Este atendimento será, no caso da “reclamação”, a forma de o salmista ver resolvido o conflito entre a sua fé e a sua situação sofridora inexplicável. Ora, nalguns casos, não nos é dado saber se houve ou não resposta de Deus (como no Sl 88) e, nestes casos, fica em suspenso a resolução do conflito/dissonância que, por não estar na esfera de entendimento do autor, está apenas nas mãos de Deus. Mas sabemos que nos casos concretos de grande sofrimento, seja dos tempos bíblicos seja nos de hoje, nem sempre (quase nunca) há um final feliz no que diz respeito ao restabelecimento físico.

Neste contexto, não será uma atitude muito eficaz centrar-se no questionamento quer do porquê quer do para quê do sofrimento. Ele existe, manifesta-se, por vezes de forma

⁴⁹ Citado por G. Ravasi, *Fino a quando Signore*, p.18.

avassaladora, brutal, destruidora, de enorme intensidade, de grande duração no tempo, sob diferentes formas em simultâneo: físico, psicológico, social, espiritual.

Nos salmos de lamentação aprendemos, entre muitas outras, uma coisa importante: estamos “autorizados” a lamentar-nos, a gritar, a questionar, a suplicar a ajuda divina e a libertação do mal que nos aflige. E, como afirma D. Simundson, não é de todo aconselhável incentivar o sofredor a aguentar estoicamente ou lembrar-lhe o final feliz da vida humana no «além». É preciso dar todo o tempo necessário à interiorização e à descoberta. Como os salmistas, também hoje se pode encontrar Deus no escuro túnel do sofrimento, físico ou de outra natureza.

O salmo 88 é, provavelmente, o que melhor nos pode levar a encarar o sofrimento na sua verdadeira dimensão. Sem falsos pudores em apresentar fraquezas; sem a superficialidade de quem passa pela vida sem lhe tomar todo o gosto amargo das crises que dela fazem parte integrante. G. Ravasi considera o desespero uma atitude melhor, mais humana, mais moral e mais religiosa do que o fideísmo vazio.⁵⁰ Neste salmo (88), onde a morte, o “sheol”, o fim trágico da vida humana é tema central, encontra-se ainda toda uma simbologia de luta desigual e de atitudes antitéticas entre Deus – todo poderoso – e o homem, na sua total precaridade e impotência. O homem que suplica e Deus que não atende, que manifesta hostilidade e distribui terrores. Porém o salmista não para de “levantar para Deus as suas mãos”(v. 10). Apesar de Yahweh se mostrar um Deus ausente, que não responde, que “esconde o rosto” (v. 15) e, contudo, “Senhor, meu Deus e salvador” (v. 2).

Não sei se Madre Teresa de Calcutá rezaria este salmo com frequência, mas produziu um texto que, no que respeita ao sofrimento espiritual, muito se lhe assemelha e que não resisto a transcrever:

“Na escuridão... Senhor meu Deus, quem sou eu para que Tu me abandones? Sou uma filha do teu amor – que se tornou a mais odiada – aquela que abandonaste como indesejada – como não amada. Eu chamo, agarro-me, quero – e ninguém me responde – não há ninguém a Quem possa agarrar-me – não, Ninguém. – Sozinha. A escuridão é tão profunda – e eu estou sozinha. (...) – Onde está a minha fé? – mesmo lá no fundo, aí mesmo, nada existe a não ser vazio e escuridão (...) Não tenho fé. – Não me atrevo a proferir as palavras e os pensamentos que me povoam o coração – e me fazem sofrer uma agonia indescritível. São tantas as perguntas sem resposta que vivem dentro de mim – tenho receio de as trazer à luz – por serem blasfemas. – Se Deus existe, - por favor perdoa-me.(...). Quando tento elevar o pensamento para

⁵⁰ G. RAVASI, *Il Libro dei Salmi*, Vol II, p. 813.

*o Céu – o vazio é de tal maneira convincente que esses mesmos pensamentos regressam como punhais afiados e me ferem a alma. (...). Dizem-me que Deus me ama – e contudo a realidade da escuridão e da frieza e do vazio é tão grande que nada me toca a alma. (...) Apesar de tudo – esta escuridão e este vazio não são tão dolorosos como a ânsia de Deus. – A contradição que receio que me desequilibre.*⁵¹

Emudecemos perante esta revelação, vinda de uma pessoa com a estatura humana, psicológica e espiritual de Madre Teresa. Quão longe estamos das emoções superficiais experimentadas nalgumas experiências de fundo religioso. Continuar, na senda de S. João da Cruz, às apalpadelas na noite escura, sem desistir, é que representa verdadeiro sinal de fé, de realismo espiritual, de quem compreende que a vida humana não é caracterizada por felicidades fáceis, “horizontais”, de uma “aurea mediocritas” latina.

Podemos gritar, inconformados, protestar, suplicar; pois se o sofrimento é um mistério, só podemos aproximar-nos da sua compreensão, não compreende-lo na sua totalidade. D. Simundson refere que as nossas respostas ao porquê do sofrimento serão sempre parciais – não são aptas para explicar todos os casos.⁵²

Quanto à “teoria da retribuição”, ela perdeu a sua preponderância sobretudo com a literatura sapiencial e profética. Job, Isaías (2.º) e Jeremias são, provavelmente, os exemplos mais contundentes do *deficit* explicativo desta visão da justiça divina. Mas também alguns salmistas protestam a sua inocência, apesar da situação sofredora em que se encontram, causada pelos inimigos que o pretendem aniquilar, acusando-o falsamente (cf. Sl 31; 35; 55; 69). Ou consideram, por vezes, desproporcionada a situação sofredora face às culpas reconhecidas, ou ainda que Deus não tem em conta a capacidade sofredora do homem, castigando-o mais do que este pode suportar (cf. Sl 38; 39; 69; 102).

Embora não fazendo parte do objetivo deste estudo, não poderei terminar sem uma referência, ainda que breve, à visão cristã (pós-pascal) do sofrimento. Não cabe na minha fé que o mistério da Redenção tenha como ponto fundamental os sofrimentos de Cristo. Se Cristo teve que suportar todo o sofrimento de que foi alvo, certamente terá sido por fidelidade à mensagem que veio trazer, não por o sofrimento ser redentor ou

⁵¹ MADRE TERESA DE CALCUTÁ, *Vem, Sê a Minha Luz*. Organização e Comentário: BRIAN KOLODIEJCHUCK, M. C. (Lisboa: Allétheia Editores, 2008). Manuscrito da Madre Teresa, sem data. Mas Madre Teresa sentiu este “vazio” até ao fim da vida. Em 25/2/1994 escreve: “Que presente tão belo que Deus me dá, permitir-me oferecer-Lhe o vazio que sinto”.

⁵² DANIEL SIMUNDSON, *Faith under Fire*, p. 152

por ser o “preço” da redenção, como pretendem algumas teorias soteriológicas de tipo objetivo.

Mas sofreu, apesar de ter preferido não sofrer: “dizia (Jesus): «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que eu quero, e sim o que tu queres.»” (Mc 14,36). Foi a situação que assim o exigiu, a fim de não anular a mensagem. “Falar do valor do sofrimento e da morte de Jesus só encontra sentido se se tiver em conta quanto eles são consequência da sua pregação e da sua prática de vida. Jesus, no que ele é e em tudo o que faz, é o evento salvador, não é alguém que realiza *um acto* salvador. (...) Salva-nos o Amor patente na Vida e testificado na Paixão de Jesus”.⁵³

Também Jeremias havia sofrido, por fidelidade à sua vocação e à mensagem que tinha de transmitir: “A mim mesmo dizia: «Não pensarei nele (em Deus) mais! Não falarei mais em seu nome!» Mas, no meu coração, a sua palavra era um fogo devorador, encerrado nos meus ossos. Esforçava-me por contê-lo, mas não podia” (Jr 20,9).

Em conformidade com esta percepção das coisas, não me é possível enveredar pela interpretação “piedosa” do valor do sofrimento: valor reparador, a juntar à Paixão de Cristo. Tampouco uma interpretação que vá no sentido do “sofrimento vicário”, pelos outros, na medida em que este conceito pressupõe a necessidade de uma determinada quantidade de sofrimento (reparador) no mundo, qualquer que seja a sua origem.

Assim, qual a novidade e a nova chave hermenêutica disponibilizada pela morte e ressurreição de Cristo para a leitura dos textos do Antigo Testamento que descrevem situações opressivas de sofrimento? Como os salmistas, colocamos a nossa esperança e a nossa salvação em Deus. A diferença reside no “sheol” e na atitude de Deus para com os que morreram. Após a Páscoa de Cristo já não é válida a imagem dos mortos como “sacudidos da mão de Deus”, “de quem ele já não se interessa”.

Isto significa que a sede de imortalidade está satisfeita no homem, e se poderia responder ao autor do salmo 39 que “o sopro”, com que ele descreve a vida humana, é um sopro sim, mas um sopro divino que não desaparece depois de soprado. Ainda assim, não dá para explicar o porquê de sofrimentos tão intensos de alguns e não de outros. A vida eterna é um bem e a esperança final de todo o que sofre, mas não explica os males desta vida. G. Ravasi qualifica isto como um mistério, no próprio subtítulo do

⁵³ HERMÍNIO RICO, *A Paixão: nem Cristo sem cruz, nem cruz sem Cristo* – Brotéria, Vol 158, n.º 3, Março 2004, p. 215-222.

seu livro “Fino a quando Signore? Un itinerario nel mistero della sofferenza e del male” (sublinhado meu); com ele, só assim o poderemos entender também nós quando queremos abarcar toda a sua profundidade.

BIBLIOGRAFIA

- Fontes

BÍBLIA SAGRADA. (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, 2000).

BÍBLIA PASTORAL. (São Paulo: Edições Paulistas, 1993).

TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. (São Paulo: Loyola, 1994).

BÍBLIA SAGRADA. CD-ROM. (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, sem data).

- Obras

BENNETI, SANTOS, *Salmos para vivir y morir. Ensaio sobre la Paradoja Humana* (Madrid: Ediciones Paulinas, 1978).

BROYLES, CRAIG C., *The Conflict of Faith and Experience in the Psalms. A Form-Critical and Theological Study* (Sheffield: JSOT Press, 1989).

CORDERO, MAXIMILIANO GARCIA; RODRIGUEZ, GABRIEL PEREZ, *Bíblia Comentada, Vol. IV, Libros Sapienciales* (Madrid: BAC, 1967).

GERSTENBERGER, E., *Theological Dictionary of the Old Testament* (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) Vol XI.

JACQUET, LOUIS, *Les Psaumes et le Cœur de l'Homme. Étude textuelle, littéraire et doctrinale, I, II e III*, (Gembloux : Duculot, 1975).

KRAUS, HANS-JOACHIM, *Teologia de los Salmos* (Salamanca: Ediciones Sigueme, 1985).

LOURENÇO, JOÃO D., *Salmos, Oração do Povo de Deus* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005).

LOURENÇO, JOÃO D., *O Sofrimento no Pensamento Bíblico: "Releituras Hermenêuticas" de Isaías 53* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006).

MEYERS, C., *Theological Dictionary of the Old Testament* (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997), Vol. XI.

OTZEN, B., *Theological Dictionary of the Old Testament* (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) vol. XI.

RAVASI, GIANFRANCO, *Il Libro dei Salmi, Comento e Attualizzazione. Vol. I, II, III* (Bologna: Edizioni Dehoniane, 2008).

- RAVASI, GIANFRANCO, *Fino a quando, Signore? Un itinerario nel mistero della sofferenza e del male* (Milano: Edizioni San Paolo, 2002).
- RICO, HERMÍNIO, *A Paixão: Nem Cristo sem cruz, nem cruz sem Cristo – Brotéria*, Vol 158, N.º 3, Março 2004
- SCHWIENHORST, L., *Theological Dictionary of the Old Testament* (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) Vol IX.
- SCHÖKEL, L.; CARNITI, C., *Salmos. Vol. I, II* (Estella: Editorial Verbo Divino, 2008)
- SEYBOLD, *Theological Dictionary of the Old Testament*. (Ed G. Johannes Botterweck & Helmer Ringgren. Michigan, 1997) Vol IV.
- SIMUNDSON, DANIEL J., *Faith under Fire. Biblical Interpretations of Suffering* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1980).
- VAN DEN BERGHER, PAUL, *'ani et 'anaw dans les Psaumes. Le Psautier. Ses origines. Ses Problèmes littéraires. Son influence* (Ed. Robert De Langhe, Louvain, 1962).